CHUMBO GROSSO

# perdão e vingança

LOU CARRIGAN

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 98

TÍTULO: PERDÃO E VINGANÇA

TÍTULO ORIGINAL: PERDON Y VENGANZA

CAPA: PERON SILVA

AUTOR: LOU CARRIGAN

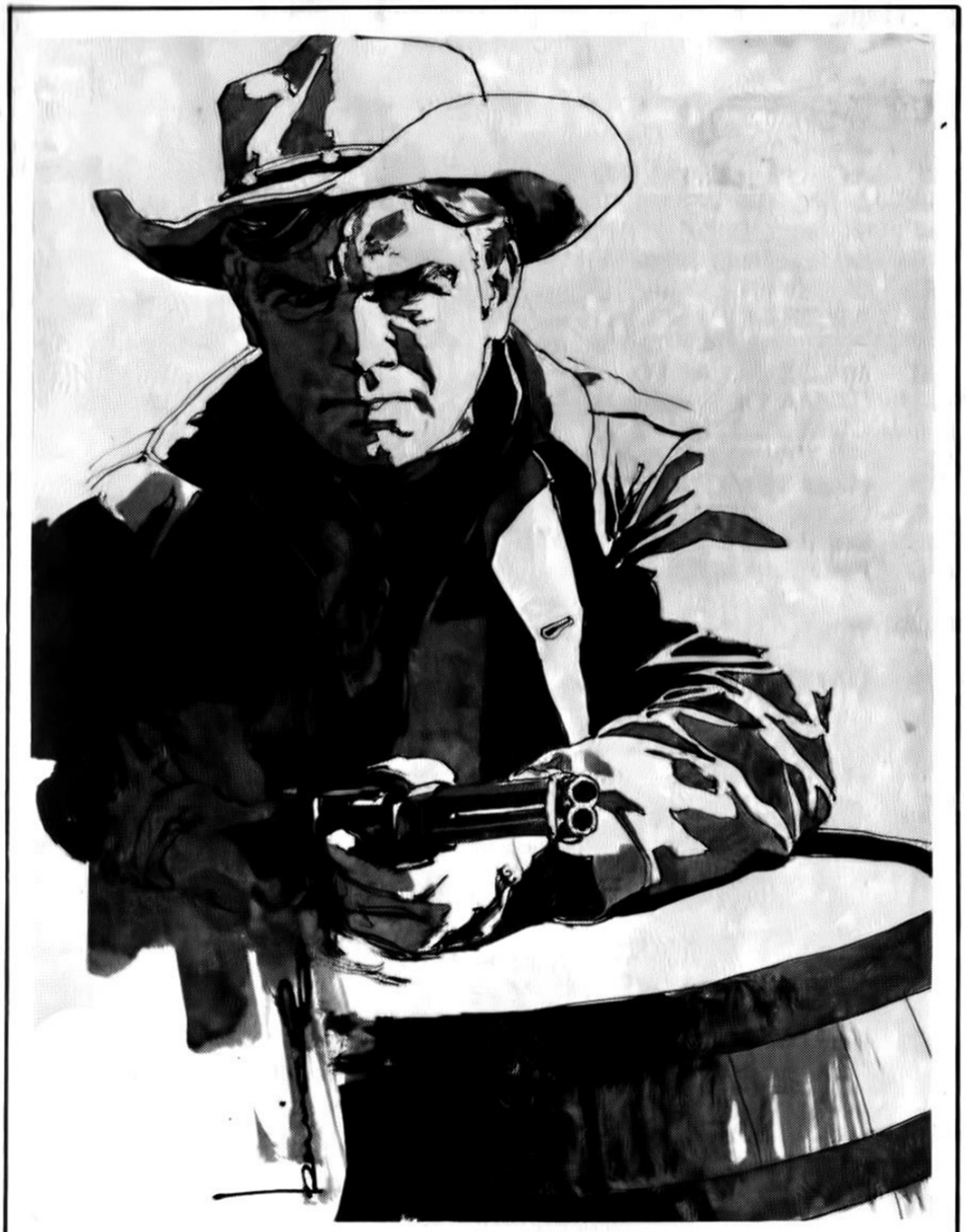
TRADUTOR: LUÍZ NAVARRO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1991

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 400,00

PÁGINAS: 128



# CHUMBO GROSSO

# PERDÃO
# E
# VINGANÇA

**LOU CARRIGAN**

**Tradução de:**

**LUÍZ NAVARRO**

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

**EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**Rua Visconde de Figueiredo, 81**
**Caixa Postal n 24119 – ZC-09**
**20550 – Tijuca – Rio de Janeiro**
**Fones: 248-7067 e 234-8398**

---

**© EDITORA MONTERREY LIMITADA**
**MCMXCI Publicação no Brasil**
**Título original:**
**PERDON Y VENGANZA**
**Capa de: LUIZ PERON SILVA**
**Composto e impresso por:**
**GRAFICA EDITORA LORD**
**Distribuído por:**
**FERNADO CHINGLIA**
**DISTRIBUIDORA S.A.**

**Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.**

# CAPÍTULO PRIMEIRO

*Um candidato a rural*

Milton Crane entrou em Garden City, condado de Glasscock, Texas, pouco antes do meio-dia. Tanto ele como seu cavalo, cobertos de poeira, tinham aspecto cansado.

Garden City era um lugar relativamente importante. Ali, segundo lhe pareceu durante o curto trajeto pela rua principal, podia encontrar-se de tudo. Era uma cidade pequena, mas bonita, com um nome bem merecido, pois parecia um jardim. As casas eram bem construídas, brancas, com amplos terraços no andar superior. Vira-as ao cruzar as ruas que desembocavam na principal. Nesta, naturalmente mais antiga, as construções eram um pouco rudimentares, predominando a madeira. Havia armazéns, barbearias, saloons, tabernas...

Desmontou diante do Marvel Saloon. Deixando o cavalo solto, subiu à calçada de tábuas e empurrou os dois batentes da porta de vaivém. Havia três homens jogando pôquer a uma mesa, perto da janela. E outro bebendo junto ao balcão, enquanto falava com o barman. Todos lhe dirigiram um rápido olhar.

Foi até o balcão.

— Bom-dia.

— Bom-dia, forasteiro — respondeu sorridente o homem do avental, aproximando-se. — Parece que a galopada foi grande, hem?

Crane também sorriu, com o que imediatamente ganhou a boa vontade do barman. Era um rapaz alto, bem proporcionado, de olhos claros, queixo firme e rosto tisnado pelo sol. Usava calça escura, botas curtas, camisa vermelha e jaqueta de um preto desbotado. O chapéu mal podia conter sua espessa cabeleira loura, já muito grande. Finalmente, um Colt sobre a coxa direita.

— Apenas regular — respondeu. — Acontece é que há dias não me barbeio e, como a barba é loura, dá a impressão de poeira — tirou o chapéu e sacudiu-o contra uma perna. Deu-se conta de que olhavam e pareceu consternado. — Desculpem! Devia ter feito isto lá fora.

— Não se preocupe — tranquilizou-o o barman. — Molha a garganta?

— Que venha um uísque. Do bom.

— Claro! Não sirvo uísque ruim.

Encheu um copo, que Crane tomou sossegadamente, em pequenos goles. Pousou o copo com um suspiro.

— Isto é outra coisa!

— Gostou?

— Muito. Diga-me. Ê verdade que em Garden City há um destacamento de rurais?

Percebeu o silêncio que se fez entre os jogadores de pôquer e, depois de olhar para eles e o bebedor solitário, dirigiu-se de novo ao taberneiro, quase em voz baixa:

— Eu disse algo inconveniente, amigo?

— Não. Claro que não. Há um destacamento de rurais, com efeito.

— Em que parte da cidade?

— Para o sul, perto da saída, atrás da rua principal. Pensa juntar-se a eles?

— É possível. Mas antes preciso me arrumar um pouco. Certamente não gostam de gente suja.

— Se quer fazer a barba e tomar banho, vá à barbearia do Cameron. É aqui perto, neste

mesmo lado da rua. Por três dólares sairá de lá como novo, barbeado, com o cabelo cortado e a roupa escovada.

— Ótimo. Que poderia fazer com o meu cavalo?

— Há a estrebaria pública. Na quadra seguinte, à esquerda.

— Tudo ótimo. Muito obrigado. Quanto lhe devo, amigo?

— Meu nome é Reagan e sou o dono deste saloon. Se vai apresentar-se aos rurais, não precisa agradecer a informação. E a casa oferece o uísque.

Milton Crane ficou imóvel, com a mão esquerda metida no bolso onde guardava o dinheiro. Por um instante, apertou as pálpebras e sua expressão tornou-se dura. Mas logo sorriu, simpático.

— A casa oferece, hem, Reagan?

— Se não acha inconveniente.

— Inconveniente? — riu Crane. — Nenhum! Obrigado. E até a vista.

— Até a vista.

Crane colocou o chapéu e, ao fazê-lo, olhou o relógio por cima do espelho, atrás do balcão. Onze e meia. Tinha tempo.

Saiu. E então pôde olhar mais diretamente para a agência do First National Bank. Ficava do outro lado da rua, quase em frente ao saloon. Devia haver bastante dinheiro em seu cofre, dada a relativa importância da cidade. Bastante dinheiro.

Tenho tempo, — tornou a pensar, com um sorriso frio.

Assoviou levemente para o cavalo e pôs-se a andar em direção à barbearia. O animal seguiu-o, rente à calçada.

Não se deteve na barbearia, prosseguindo até a próxima esquina. Sim, lá estava a estrebaria. Deixou lá o cavalo com instruções para que fosse bem tratado. Depois voltou.

O barbeiro, homem de uns sessenta anos, virou-se para olhá-lo.

— Num instante termino, forasteiro.

Estava barbeando um homem. Crane sorriu, ao perguntar:

— Não poderia tomar um banho primeiro?

— Sem dúvida. Dentro de três minutos.

— Está bem.

* * *

Quase duas horas mais tarde, Milton Crane olhava-se satisfeito no espelho da barbearia. Tinham-lhe cortado o cabelo e barbeado. Tomara um bom banho e suas roupas estavam escovadas, além de cerzidas.

— Muito bem! — exultou. — Agora sim. Creio que os rurais vão me admitir. Quanto lhe devo?

Cameron olhou com simpatia o atraente jovem de cara honesta e queixo de lutador.

— Pensa juntar-se aos rurais, amigo?

— Espero que me admitam. Tenho um bom cavalo, um rifle, um laço, um revólver, e sei t cuidar de mim mesmo.

— Parece-me muito jovem.

Crane sorriu, com o que acabou de conquistar o barbeiro.

— Na minha idade — respondeu — o estranho seria parecer velho, mister Cameron. Quanto lhe devo?

— Sabe meu nome?

— Mister Reagan me disse. O dono do "Marvel Saloon".

— Oh, compreendo. Pois, deve-me um dólar e meio.

Tornou a fulgir nos olhos cinzentos uma centelha estranha fria, fugaz.

— Um dólar e meio? Mister Reagan disse que todo o serviço me custaria três dólares.

— Às vezes faço abatimento. Um dólar e meio, rapaz. E espero que os rurais o aceitem.

Crane pestanejou.

Pagou, pôs o escovado chapéu na cabeça e dirigiu-se para a porta. Ao abri-la, voltou-se, perguntando:

— Que horas são, mister Cameron?

— Uma e vinte. De qualquer modo o receberão no quartel. Encontrará no capitão Potters uma excelente pessoa. Todos lá são bons rapazes, mas Potters é simplesmente formidável.

Milton Crane fechou um instante os olhos, incapaz de ocultar de outra maneira o brilho de ódio que iluminou suas pupilas.

— Acredito — murmurou. — Obrigado por tudo.

Saiu para a rua e outra vez olhou para o banco. O tempo ia-se esgotando, mas ainda lhe restava o suficiente para comer alguma coisa.

Minutos depois, estava sentado numa taberna situada perto do banco, numa mesa junto à janela.

No fundo da sala havia também um relógio. Marcava vinte para as duas quando o olhou pela primeira vez. O local era agradável, limpo, fresco.

Sentia um apetite voraz, mas comeu pouco. O excesso de comida embota os sentidos, retarda os reflexos.

O relógio marcava duas e vinte quando os três cavaleiros pararam diante do banco e desmontaram, olhando dissimuladamente ao redor. Claro, àquela hora de sol terrível não havia quase ninguém na rua. Garden City dormia a sesta, à espera da brisa fresca do entardecer.

Milton Crane sorriu friamente, mas continuou cortando pequenos pedaços de carne com toda a naturalidade. O momento chegaria dentro de dois minutos, talvez cinco.

Foram quatro minutos.

Então os três homens saíram do banco. Um deles tinha um revólver em cada mão. Os outros dois portavam um só, na direita. Na esquerda cada um tinha uma sacola.

Milton Crane levantou-se de um salto, derrubando ruidosamente a cadeira.

— Ei! — gritou. — Assaltaram o banco!

Houve um grande ruído de cadeiras, vozes, gritos. Todos os comensais levantaram-se ao mesmo tempo, alvoroçados, lançando exclamações.

Na rua, aproximando-se rapidamente, o galope de vários cavalos. À porta do banco, alguns tiros do empregado que tentava caçar os assaltantes que escapavam a toda a pressa para a parte norte da cidade. Justamente onde estava a taberna que Milton Crane havia escolhido.

Todos os presentes correram para as janelas, excitadíssimos, enquanto o rapaz, com o revólver na mão, já chegava à porta.

Saiu à calçada coberta, justamente quando os dois assaltantes mais adiantados estavam passando. Ambos o viram, mas um pouco tarde. Um deles, baleado no coração, ergueu os braços soltando arma e sacola antes de cair da sela por efeito do impacto.

O outro era o que manejava dois revólveres e atirou contra Crane no momento em que este saltava para um lado, em incrível acrobacia, enquanto apertava o gatilho.

Dois balaços acertaram o homem, um na têmpora esquerda e outro no flanco, sob a axila. Também ele tombou do cavalo, quase sendo atropelado pelo último dos assaltantes, que chegava naquele momento, disparando rapidamente contra Crane.

Este, que se havia posto de joelhos, estirou-se de bruços na calçada. Por duas vezes fez fogo contra o último homem, que não pareceu atingido pelas balas.

Levantou-se e correu para um dos inquietos cavalos presos ao atadouro. Sacou um rifle do coldre da sela e apontou um segundo para o homem, que já estava a mais de oitenta metros.

A detonação repercutiu fortemente em toda a rua principal. Noventa metros mais além, o último dos assaltantes foi empurrado contra o pescoço de sua montaria. Quando se endireitou na sela, o rifle manejado por Crane tornou a detonar.

O homem caiu como um boneco sobre a poeira e rolou algumas vezes antes de ficar imóvel, de costas, braços e pernas abertos.

Houve um momento de estupefação em toda Garden City. Súbito, apareceu gente correndo de todas as direções, aos gritos. Os cadáveres dos três homens foram imediatamente rodeados.

Milton Crane, com um lanho vermelho no ombro esquerdo, voltou à taberna, depois de deixar em seu coldre o rifle que havia utilizado. Ao entrar, viu-se diante da mulher que lhe servira a comida, que agora o olhava com absoluta incredulidade.

— Uísque, por favor — pediu-lhe.

## — 12 —

Sem poder dizer nada, a mulher afastou-se correndo. Quando voltou, ele já tornara a sentar-se à mesa, depois de ter tirado o casaco. Tinha na mão um lenço que encharcou de uísque para, sem que seu rosto se alterasse, limpar o sangue do insignificante ferimento do ombro. Depois colocou o lenço dobrado sobre o ferimento, rasgando um pouco a manga da camisa. Tirou o lenço do pescoço, amarrou-o sobre o outro, auxiliando-se com os dentes e suspirou.

— Pronto! E agora, por favor, quer levar este prato? Já deve estar frio.

— Si-im... Agora mesmo...

— E traga-me mais do mesmo, ração dupla. Também três ovos fritos, batatas e uma jarra de cerveja.

— A-agora?

— Por favor.

— Sim, sim!

Crane sorriu. Talvez estivesse exagerando um pouco, mas não tinha importância. Tão logo a mulher desapareceu, um grupo surgiu à porta, atrás de um homem alto e ossudo, de grandes bigodes grisalhos. No peito, uma estrela prateada de cinco pontas.

— Rapaz! — gritou o xerife. — Que diabo está fazendo agora?

— Terminarei minha refeição, se me permitir.

Um murmúrio de admiração brotou do grupo, já mais numeroso. O homem da estrela avançou lentamente.

— Suponho que esteja brincando...

— Não estou. Mas se deseja levar-me ao xerifado, não oporei resistência.

Risos. O xerife coçou o queixo, contendo um sorriso. Olhou para o barbeiro, que estava entre o grupo.

— É este, Cameron?

— Ele mesmo, Borden. É o rapaz que quer juntar-se aos rurais.

— Conseguirá, pois tem nervos de aço. Pôs-se a comer depois de matar três homens!

Crane olhou-o com estranheza.

— Não faço isto por ter nervos de aço, xerife, mas porque sinto um apetite feroz.

Novos risos. O xerife puxou uma cadeira.

— Posso sentar-me com você?

— Pode, contanto que não me impeça de comei.

Mais risos. O xerife sentou-se do outro lado da mesa.

— Meu nome é Warren Borden, rapaz — estendeu-lhe a mão —, e sou o xerife de Garden City. Obrigado em nome de todos.

Crane apertou-lhe fortemente a mão.

— Muito prazer. Oh, aí vem minha comida!

Houve um forte murmúrio quando a mulher colocou sobre a mesa tudo o que lhe fora encomendado. Crane, após um gesto de oferecimento aos presentes, o que arrancou novas gargalhadas, dedicou-se a atacar enormes pedaços de carne.

Súbito, olhou sobressaltado para o xerife, que o observava em silêncio.

— Oh, desculpe! — exclamou. — Esqueci de lhe dizer meu nome. Chamo-me Daniels. Wess Daniels.

## — 14 —

# CAPÍTULO SEGUNDO

*Uma vingança suja*

O sargento do Rurais do Texas, Earl Comal, perguntou:

— Nome?

— Wess Daniels.

— Nascido em?...

— Cayuga, Texas.

— Idade?

— Vinte e seis anos.

— Sabe ler e escrever?

— Sei.

— Montar?

O falso Wess Daniels sorriu ironicamente, mas, compreendendo a seriedade do momento, respondeu:

— Também.

— Tem cavalo?

— Tenho.

— Bom?

— O melhor.

— Rifle?

— Tenho.

— Sabe manejá-lo?

— Sei.

— Revólver?

— Sim.

— Sabe manejá-lo?
— Sei.
— Quantos homens matou?
— Ao todo?
— Sim, ao todo.
— Sete.
O sargento Earl Comal conteve um sobressalto. Prosseguiu:
— Alguma dessas mortes deu lugar a perseguição pela lei?
— Não.
— Esteve preso alguma vez por bebedeira, escândalo, brigas, desacato à lei?
— Não.
— Por algum outro motivo?
— Nenhum.
— Conhece algum rural? Sabe o que significa ingressar na corporação?
— Não conheço nenhum, mas sei perfeitamente o que significará para mim chegar a ser um rural.
— Está disposto a morrer pelos Rurais do Texas?
— Se necessário, sim.
Earl Comal deixou de escrever. Olhou para Wess Daniels e disse:
— Ganhará quarenta dólares por mês.
— De acordo.
O sargento levantou-se e olhou para dois homens sentados num extremo da sala.
— Lennan, Waller, venham cá.
Os dois rurais obedeceram. Sabiam do que se tratava e estavam ali justamente para aquilo. Ficaram diante da mesa de Comal, um a cada lado de Wess.
O sargento pegou uma bíblia.

— Ponha sobre esta bíblia a mão direita, Daniels. Jura defender, respeitar, sacrificar-se pela lei, obedecer a seus superiores e, se necessário, morrer por um companheiro pelo prestígio dos Rurais do Texas?

— Juro.

Comal guardou a bíblia e empurrou umas folhas de papel para Wess.

— Assine estas folhas. Vocês poderão retirar-se, quando tiverem assinado como testemunhas.

Wess Daniels assinou, enquanto os dois rurais o olhavam com certa admiração e um pouco de apreensão. Sete homens mortos aos vinte e seis anos! Isto fazia pensar num número terrível aos cinquenta, por exemplo. Se ele chegasse aos cinquenta.

— Assinem vocês agora.

Os dois assim fizeram. Depois partiram.

Earl Comal desapareceu por uma porta ao fundo, que dava para um corredor. Voltou quinze minutos depois.

— Venha comigo.

Wess levantou-se e seguiu o sargento. No corredor, este deteve-se diante de uma porta e levou a mão à maçaneta.

— Vai conhecer o capitão Potters. Melhor dito, ele quer conhecer você. Entre rapaz.

Abriu a porta e impeliu-o levemente. Tornou a fechar atrás dele.

Wess encontrou-se num escritório severamente mobiliado, apenas um pouco mais confortável que o do sargento Comal.

— Você é Wess Daniels?

Milton Crane manteve o rosto inexpressivo. Olhou o homem que lhe tinha feito a pergunta, atrás da mesa de trabalho. Um homem esbelto, que parecia alto e forte. Mas

tudo perdia a importância quando se contemplava o rosto de George Potters. Tudo, menos o ódio.

Era um rosto enxuto, tostado pelo sol. Olhos negros, rasgados, de olhar sereno, brilhante. Um pequeno bigode grisalho sobre lábios espessos. Cabelos negros e ondulados, de um branco nítido nas têmporas. Um homem impressionantemente varonil.

— Sim, sou Wess Daniels.

— Por que quis ingressar nos rurais?

— Creio que me divertirei.

Potters franziu a testa, mas seus lábios sorriram.

— Compreendo. Por que mais?

— Espero contribuir para que a lei se imponha no Texas.

— Isso está melhor. Até agora já matou sete homens não lhe parece demais?

— Depende.

— Depende de quê?

— Do que valessem esses sete homens. E do valor que se atribua a mim mesmo.

— Está bem, Daniels. Você mostrará o que vale. É algo que só você mesmo poderá fazer. De acordo?

— Claro.

— O que resta do dia de hoje lhe pertence. Amanhã terá que se apresentar e ocupar seu posto no quartel.

— Sim, senhor.

Potters abriu uma gaveta da mesa e tirou um maço de cédulas.

— Winkler, o banqueiro, esteve aqui. Queria ver você, mas disse-lhe que só seria possível mais tarde. Deixou este dinheiro para lhe ser entregue, pelo que fez contra aqueles três homens. São quinhentos dólares. Leve-os.

— Um rural não pode aceitar dinheiro, capitão.

— Boa resposta — sorriu Potters. — Mas quando liquidou os assaltantes você ainda não era um rural. Leve o dinheiro e faça bom uso dele. Como vai o ferimento no ombro?

Daniels, que estava guardando o dinheiro, pestanejou.

— Oh, não é nada. Obrigado.

— Tanto melhor. Se acha que amanhã ainda não estará em condições de incorporar-se...

— Claro que estarei!

— Bom. Quero que saiba uma coisa, Daniels. Somos agora exatamente doze rurais em Garden City. O máximo que estou autorizado a admitir. Qualquer de meus homens sabe que o ajudarei a sair de apuros, compreende?

Milton Crane tornou a pestanejar, confuso. Bem, ali estava o homem odiado, o homem contra o qual ia exercer uma brutal vingança. E que lhe dizia aquele homem? Que estava disposto a ajudá-lo em tudo! Lógico, não sabia suas verdadeiras intenções, mas...

— Sim, senhor, compreendo. E, mais uma vez, obrigado.

George Potters levantou-se. Realmente, era alto, de compleição forte, elegante. Estendeu-lhe a mão.

Crane deu consigo apertando aquela mão grande, firme, de agradável contato. A mão de um homem que tinha a faculdade de fazer-lhe esquecer muitas coisas, de deixá-lo confuso.

Quando já estava a ponto de fechar a porta às suas costas, ouviu-lhe a voz:

— Sabe dançar, Daniels?

Olhou-o, espantado.

— Dançar, capitão?

— Sim, dançar. Dançar com música e com uma mulher.

— Creio que sei.

— Ótimo! Pode retirar-se.

* * *

George Potters olhou, sorridente, para sua filha.
— É verdade, Amanda. Ele ingressou na corporação.
A senhora Potters comentou:

— Você não foi muito escrupuloso esta vez, George. Normalmente exige mais informações sobre os homens que admite em seu destacamento.

A bela e jovem Amanda olhou-a com rr de censura.

— Mas que coisa, mamãe! Acaso não ouviu o que ele fez quando assaltaram o banco esta tarde? Sozinho, matou três foragidos! Para que mais informações a seu respeito? Não acha você, papai?

— Creio que sua mãe não deixa de ter razão, Amanda.

— Oh, mas!...

— E você também. Ela, quando diz que costumo ser mais exigente na escolha de meus homens. Você, ao opinar que Wess Daniels demonstrou ter o estofo de um bom rural. E eu — sorriu brincalhão — também estive certo ao dar uma estrela a esse rapaz.

As duas mulheres olharam-se. Como sempre, Potters resolvia tudo, sem elevar a voz, sem mudar de fisionomia.

Amanda fez menção de continuar tomando sua sopa, mas pousou a colher.

— Papai — perguntou timidamente —, ele é tão... bonito como dizem?

— Amanda! — exclamou a senhora Potters.

A jovem enrubesceu. Potters alisou o bigode.

— Sua mãe está certa, filha. Uma moça não faz tais perguntas. Entretanto, assim é. Acho Wess Daniels muito

atraente e simpático. — Olhou de relance para a filha e deslizou: — Perguntei-lhe se sabia dançar e ele disse...

— Disse o quê? — adiantou-se Amanda.

— Bem, disse: “Creio que sei”.

— Oh! Crê simplesmente?

— Foi sua resposta.

— Mas...

— Penso que há um modo seguro de saber isso — o capitão dos rurais virou-se para sua esposa. — Que tal, Elizabeth, se o convidarmos para a festa de aniversário de Amanda?

— Oh, papai, isso seria formidável!...

— Amanda! — refreou-a novamente a senhora Potters. — Você não deve demonstrar tanto interesse por um homem, filha.

— Por que não? — perguntou a jovem.

A mãe abriu e fechou a boca várias vezes, confusa, antes de responder, categórica:

— Porque não.

Gecrge Potters mais uma vez resolveu a situação.

— O interesse de Amanda é puramente circunstancial, Elizabeth. Todas as garotas de Garden City gostariam de conhecer Wess Daniels, suponho. Mas, se você prefere, não o convidaremos. O diabo é que será o único rural a deixar de vir.

Novamente a senhora Potters demorou a encontrar as palavras adequadas:

— George, eu gostaria de uma vez na vida deixar você sem argumentos.

— Bom — sorriu ele —, um dia minha sorte acaba. Penso que devemos terminar de jantar.

Amanda fitou o pai com olhos brilhantes.

— Vai convidá-lo, então, papai?

— Penso que seria o correto. Devo dar-lhe o mesmo tratamento que a seus companheiros. Mas, se sua mãe se opõe...

Elizabeth Potters acabou por sorrir.

— Como poderia opor-me? Você sempre ganha, George. Creio que você continua vivo, não porque atire melhor que todos, mas porque é capaz de convencer até o mais desesperado bandido a não disparar contra você.

* * *

Já passava da meia-noite quando Wess Daniels, finalmente, pôde livrar-se dos constantes convites que recebia dos moradores de Garden City. Entrara com o pé direito na localidade e todos, inclusive a lei, estavam do seu lado. Era, no momento, a grande figura local, para o que também concorria o fato de se haver incorporado aos rurais.

Chegou ao hotel em que se alojara, pegou a chave na portaria e subiu ao seu quarto, um dos melhores, no primeiro andar, com janela e terraço dando para a rua principal.

Tão logo entrou e fechou a porta atrás de si, viu a janela aberta.

E ouviu a voz:

— Excelente trabalho, Milton.

Não se alterou. Acendeu um cigarro e dirigiu-se à janela. Soprou uma coluna de fumaça para o céu estrelado. Não se dera ao trabalho de acender o lampião, nem se virou para seu visitante, ao dizer:

— Você acha, Terence?

— Suponho que não seria possível fazer melhor. Você conseguiu tudo — riu Terence. — Ouvi inclusive que foi fulminantemente admitido nos rurais! É verdade?

— É.

— ótimo! Sabíamos que tudo sairia bem.

— Você sabia, Terence?

— Ouça, rapaz. A idéia foi de seu pai.

— Digamos que você conseguiu convencê-lo de que a idéia era dele. Na verdade, a vingança é algo que se deve tratar com extremo cuidado, com carinho. Meu pai e você têm razão: isso de vingar-se com uns quantos balaços é pura bobagem. É preciso causar mais dano, muitíssimo mais.

Terence Nolan levantou-se, fazendo ranger a cama.

— Se está com medo, Milton, podemos mudar de plano.

O falso Wess Daniels riu com sarcasmo. Não parecia o mesmo rapaz amável.

— Quando quiser brigar comigo, Terence, diga-o claramente. Mas num momento oportuno e cara a cara. Meu pai talvez se surpreendesse com o resultado da briga.

— Oh, chega de discussões entre nós, Milton. Não quero brigar com você. Se algum dia isto me ocorrer, eu lhe direi, acredite. Bem, seu pai me mandou buscá-lo. Vem comigo ou não?

— Como está a desconsolada Agnes?

— Se vier comigo, poderá perguntar a ela, Milton.

— Você não sabe?

A voz de Terence Nolan soava cheia de paciência.

— Quando a deixei, estava bem. Suponho que continue assim. Seu pai também está bem. E todo o bando.

— Essa é uma boa notícia. Irei com você. Saia por onde entrou e espere-me a meia milha da cidade. Não demoro.

— De acordo. Seu pai se alegrará em vê-lo.

— Claro. E minha querida cunhada Agnes também, não acha?

— Acho. Até já.

Nolan saiu ao terraço, mas Daniels não se interessou em saber por onde ele. havia chegado e por onde partia. Era relativamente fácil escalar aquele terraço e, por outro lado, toda Garden City sabia onde se alojara Wess Daniels.

* * *

Sandor Crane, satisfeito, abraçou fortemente o filho.

— Milton! Que alegria, rapaz!

— ...Como está, pai?

— Bem. Muito, bem! Pela cara de Terence, imagino que tudo saiu como planejamos, hem?

— Sim. Como está, Agnes?

Uma mulher de vinte e dois anos, vestida com roupas masculinas pretas, moveu afirmativamente a cabeça.

— Bem, Milton...

— Tem sofrido menos?

O olhar de Agnes Dawson saltou rápido para Terence Nolan, que fingiu ignorá-la.

— Julgue por você mesmo, Milton — respondeu com suavidade aquela bonita mulher de cabelos cor de cobre, brilhantes à luz da fogueira que iluminava o interior da caverna. — Afinal de contas, meu marido era seu irmão. Sofre menos, você?

— Não.

— Por que, então, isso aconteceria comigo?

— Ei, ei, ei... — cortou jovialmente Sandor. — Rapaz,' há cinco dias não nos víamos. Não quero discussões aqui. Você matou os homens de Clyde Donley? Conte-me como foi.

Milton sentou-se numa pedra, perto da fogueira, ao lado do pai. Este era um homem de cinquenta e cinco anos, mas só a barba fazia-o aparentar tal idade. Estatura elevada,

robusto, louro, tinha olhos claros e expressão agradável. Usava dois revólveres.

Rodeando a fogueira via-se o resto do bando. Agnes estava acomodada sobre três cobertores dobrados, nos quais apoiava um cotovelo. A posição e as roupas masculinas acentuavam suas harmoniosas curvas.

O falso Wess Daniels contou ao pai como liquidara os três homens que tinham assaltado o First National Bank de Garden City, como fora aceito pelos rurais, como o haviam festejado por toda a parte e ganhando um dos melhores quartos do hotel.

— Excelente! — exclamou o velho foragido. — Assim esse estúpido Clyde Donley aprenderá que onde estiver meu bando o dele sobra! Ou, pelo menos, a ficar calado e não me desafiar dizendo o que pensa fazer e como vai fazer. Pena ele não estar entre os que assaltaram o banco!

Milton acendeu um cigarro com a chama de um graveto que tirou da fogueira.

— Estava, pai. Um deles era Clyde Donley.

Sandor Crane ficou petrificado.

— Como? Você matou Clyde Donley?

— Sim. Deve ter achado que aquele assalto requeria sua intervenção pessoal, embora não conviesse utilizar muitos homens, pois chamariam atenção ao invadir o banco. Matei Donley e dois de seu bando. Fui bastante felicitado por isso.

Sandor bateu na coxa.

— Que grande idéia tive eu! O idiota me disse o que pensava fazer, onde e como. E meu filho se encarrega de eliminá-lo! E, ainda por cima, a lei lhe agradece!

Os membros do bando fizeram coro ao riso do chefe: Alguns bateram nas costas de Milton que não fez nenhum caso. Ele parecia muito diferente do simpático rapaz que todos tinham visto em Garden City. Suas feições, naquele

momento, haviam adquirido uma dureza incrível, uma indiferença desdenhosa.

Terence Nolan perguntou:

— E que há com a filha de Potters?

Milton olhou-o fixamente.

— Que quer você que haja?

— Bem, é verdade que ele tem uma bonita filha, não?

— Tem uma filha, mas não sei se é bonita ou feia. Não a vi ainda.

— Pois seria conveniente.

Milton lançou uma baforada de fumaça para onde estava Terence e sorriu friamente.

— Que tal você deixar que meu pai fale, Terence? Se estou bem lembrado, ele é o chefe do bando, não? O que idealizou um magistral plano de vingança contra George Potters, sua filha e toda Garden City.

Terence Nolan mordeu os lábios. Sentiu fixos nele os olhares de todos os homens do bando. Sandor Crane era um foragido impiedoso, mas gozava da estima de sua gente.

— Está bem, que fale Sandor. Eu o escutarei como sempre e talvez o compreenda melhor que seu próprio filho.

— Talvez, Terence. Creio que por isso ele o nomeou seu lugar-tenente quando mataram meu irmão. E agora tratemos da vingança. Mas é uma vingança um pouco suja.

Sandor Crane olhou-o com dureza.

— Suja, disse você, Milton?

— Disse, pai. O dia em que Terence regressou contando que George Potters e outro rural tinham liquidado Slim, Red, Tulson e meu irmão Bob...

— Mu filho, Milton.

— Naturalmente, pai — o rapaz sorriu um instante. — Não é isso o que se discute agora. Bob também era o marido de Agnes e aí está ela, tranquila...

— Que acha que eu deveria fazer? — quase gritou a mulher. — Não vou separar-me de vocês até que tenham tirado a vida desse maldito capitão de rurais que matou meu marido! Continuarei com o bando para assistir à vingança!

Sandor levantou-se e passou um braço pelos ombros de Agnes, que saltara excitadamente de pé e encarava Milton.

— Calma, calma! Não quero discussões. Vejamos, Milton: é ou não verdade que George Potters matou seu irmão pelas costas, durante a luta que custou a vida de Red, Tulson, Slim e esteve a ponto de custar a de Terence?

— Ê verdade. George Potters matou meu irmão pelas costas! E daí? Acha que isso significa qualquer espécie de vingança? Para uma vingança tão suja me adiantei a vocês, chegando a Garden City e ingressando nos rurais. Para essa vingança matei Clyde Donley, que um dia foi nosso amigo, e dois de seus homens, aproveitando o fato de Donley nos ter dito o que pensava fazer, quando e como.

Milton calou-se e, no silêncio que se seguiu, ouvia-se apenas o crepitar da fogueira.

Por fim, Sandor acariciou o queixo barbudo e bateu nas costas do filho.

— Mas diga-me, rapaz. Por que é suja a vingança que preparei?

— Escute, pai. O que desejamos, afinal dei contas, é apoderar-nos de Garden City, depois de conseguirmos o que pretendemos de George Potters. Não é assim?

— Continue.

— E uma vez nos apoderando do lugar, saquearemos o banco, os hotéis, a estação da "Texas Overland", os saloons. Todo o dinheiro de Garden City será para nós!

— Não me parece uma má idéia, filho.

Um murmúrio de assentimento brotou dos vinte homens que assistiam à discussão. Incondicionalmente, os

foragidos apoiavam Sandor. Milton limitou-se a olhar de relance para Terence Nolan, que tentava por todos os meios conter um sorriso de triunfo.

— Não. Não é má idéia, pai, se não se tratasse de vingar Bob.

— Não entendo. Creio que ninguém aqui o entende, filho.

— Escute. Você idealizou um plano para vingar-se de Potters e eu concordei. Também quero que meu irmão seja vingado. Mas, se aproveitarmos esse plano para conseguir todo o dinheiro de Garden City, para roubar, talvez Bob pergunte em sua tumba se estamos fazendo isso para vingá-lo ou para nos beneficiarmos.

Quem mais depressa pareceu compreender foi Terence Nolan, que avançou um passo, exclamando:

— Não diga tolices! Seu irmão está apodrecendo! Que diabo de perguntas?...

Milton não o deixou terminar. Desfechou-lhe um soco na boca, fazendo-o recuar bracejando.

Ainda estava em posição desvantajosa quando recebeu uma esquerda no estômago, dobrando-se sobre si mesmo. Um gancho, que repercutiu sonoramente dentro da caverna, atirou-o sobre os cobertores pouco antes ocupados por Agnes.

Sua mão direita crispou-se na coronha do revólver, sem o sacar, quando ele viu o olho negro da arma de Milton fixando-o.

— Adiante, Terence! — desafiou o rapaz. — Aja como um homem.

Terence largou o Colt e levou a mão à boca, passando-a de dorso sobre os lábios sangrantes.

— Guarde esse revólver, Milton! — ordenou Sandor.

— Com todos os diabos! Você está louco, rapaz? —

agarrou-o com ambas as mãos pela jaqueta, sacudindo-o. — Você é um estúpido! Que está pretendendo? Que nos matemos uns aos outros? E que tolices lhe ocorreram a respeito de nossa vingança? Se Bob era seu irmão, também era meu filho. E eu o vingarei à minha maneira, sem pensar nessa bobagem de vingança suja e no que ele possa perguntar. Um homem o matou pelas costas e vou fazer com que esse homem se arrependa! Isso é o importante para mim! Que diferença faz, se depois aproveito as circunstâncias para outra coisa? Você aceitou meu plano e agiu de acordo com ele.

Trata-se de vingar seu irmão, Milton, mas, se tem medo ou não quer mais colaborar, pode ficar de lado. E suma de minha vista para sempre!

Milton estava como petrificado quando o pai o largou. Absolutamente imóvel, olhou-o durante uns segundos.

Súbito, deu de ombros.

— De acordo, pai. Irei até o fim.

Sandor Crane pestanejou.

— Está bem, — disse. — Já sabe o que lhe cumpre fazer. E agora será melhor que volte a Garden City — virou-se para um de seus homens: — Você, Upton, traga dois cavalos e acompanhe Milton até a cidade. Procurem fazer com que ninguém os veja, claro.

# CAPÍTULO TERCEIRO

*Uma caçada nas montanhas*

Dois dias mais tarde, Wess Daniels foi chamado à sala do capitão Potters.

— Feche a porta, Daniels.

Obedeceu e adiantou-se até a mesa a que estava sentado seu comandante. Esperou que este assinasse uns papéis e os guardasse numa pasta. Por fim, Potters levantou a vista.

— Nós dois vamos sair, Daniels.

— Muito bem, capitão.

— Não pergunta aonde vamos?

— Suponho que se trate de uma missão e que me porá ao corrente pelo caminho.

— Certo.

— Entretanto, pergunto-me se o senhor precisa sair para cumprir missões.

— Acha que já não estou em idade de cavalgar? — sorriu Potters.

— Claro que não! Mas somos doze homens. Por que o senhor e não qualquer outro? Compreendo que à menor oportunidade me seja oferecido um trabalho. Sou um recruta. Mas o senhor não.

George Potters ficou pensativo uns segundos, antes de responder:

— É. Não sou um recruta. Na verdade, poderia cumprir esta missão sozinho. Trata-se de uns homens que restaram do bando de Clyde Donley. Você matou este e outros dois quando assaltaram o banco. Pois bem, ontem à noite chegou a meus ouvidos que o resto do bando está se dispersando. Entretanto, uns quantos continuam juntos. Penso que sejam uns seis ou sete.

— E receia que formem outro bando?

— Esse é um dos perigos. Outro é que também me consta que foi visto aproximando-se daqui o bando de Sandor Crane. É um bando numeroso e que ainda o serão mais, se esses homens do Donley a ele se juntarem. E não podemos permitir que um bando como o de Crane continue aumentando.

— Então, vamos caçar esses seis ou sete homens?

Potters sorriu.

— Vamos dar uma volta pela zona onde consta que estão acampados. Oxalá se tenham dispersado também. Mas, se assim não for, nós os dispersaremos.

— O senhor e eu? Sozinhos?

— Sim, Daniels.

— Não é que eu tenha medo, capitão. Mas penso que somos muito poucos para essa meia dúzia de homens, ou mais. Costumam ser perigosos.

George Potters sorriu calmamente.

— E acaso nós não somos, Daniels?

— Bem. Espero que sim, capitão.

— Além disso, temos uma vantagem sore eles.

— Qual?

— Somos Rurais do Texas.

Wess Daniels não soube o que replicar, olhando com certo assombro para seu superior. Por fim, murmurou:

— É verdade, capitão. Somos Rurais do Texas.

— Mas quero que você saiba outra coisa, Daniels. O fato de irmos só nós dois não é capricho, nem orgulho tolo. Como já lhe disse, parece que o bando de Sandor Crane cavalga para esta região, talvez para a própria Garden City. Nestas condições, não devemos deixar a cidade desguarnecida. Portanto, os dez homens restantes do destacamento ficarão aqui.

— Receia que Crane e seu bando ataquem a cidade? Acha que se atreveriam a isso?

— A isso e a mais. São uns vinte homens, pelo menos.

— Parece que os conhece bem, capitão.

Novamente Potters ficou pensativo.

— Não conheço suas caras, mas, se souberem que estou aqui, eles virão. De qualquer modo, já tomei certas medidas para surpreendê-los.

— Que medidas, capitão?

Potters sorriu.

— Sairemos dentro de dez minutos, Daniels.

— Perfeitamente, capitão.

* * *

George Potters desmontou e inclinou-se sobre o solo. Indicou o lugar com a mão enluvada.

— Está vendo, Daniels?

— Sim, senhor.

— Sem desmontar?

Wess deu de ombros, olhando expressivamente para as montanhas próximas.

— Estão escondidos por aí, suponho — murmurou. — E também suponho que tirá-los de semelhante lugar não vai ser fácil, na hipótese de que ainda não tenham partido.

Potters olhou para as montanhas. Era um pequeno maciço que quebrava a monotonia do prado. Estavam a uns duzentos metros de distância.

— As pegadas são muito recentes. Não devem ter partido, Daniels. Mas, com efeito, será difícil tirá-los daí. Difícil, mas não impossível. Não cavalgamos vinte e cinco milhas para voltarmos agora por causa de umas montanhas.

— De umas montanhas?

— Nem por causa de meia dúzia de foragidos — sorriu Potters. — Prossigamos.

Tornou a montar. A tarde apenas havia começado e o sol caía com terrível força sobre a terra. Apertou os joelhos e seu cavalo pôs-se em movimento, para as montanhas.

Uma nuvenzinha de fumaça brotou dentre as rochas. O estampido chegou quase um segundo depois e a bala cravou-se entre as patas dianteiras do cavalo do capitão.

Outros dois tiros acabaram de inquietar os animais. Porém, a esta altura, Potters e Daniels já rolavam pelo chão, buscando proteger-se atrás de uma moita de Artemísia, que se mexeram passagem de algumas balas. Rolaram mais, até ficarem protegidos por uma elevação de terreno, cuja crista começou a ser corroída pelos chumbos contínuos enviados das montanhas. Não podiam usar os rifles, que tinham arrancado das selas no momento de desmontar.

Durante dois minutos, tiveram que permanecer bem espichados e imóveis, enquanto os projéteis iam fazendo desmoronar a crista. Uma vez em que o capitão tentava atirar, um punhado de terra atingiu-lhe os olhos, obrigando-o a colar-se novamente ao solo.

Quando conseguiu limpar os olhos, os emboscados tinham parado de atirar e um dramático silêncio rodeava-os.

— Já pode enxergar? — perguntou Wess.

— Posso! Que o diabo os carregue!

— Cubra-me. Vou sair.

— Ei! Se você sair será crivado de balas.

— Aqui é que seremos crivados de balas, capitão.

Este hesitou brevemente.

— Certo. Enquanto dois ou três aqui nos mantêm como se fôssemos coelhos, os outros procurarão melhores posições. Ignoro por que não dispararam antes contra nós. Quando eu estava de pé, por exemplo.

— Esperaram para ver o que fazíamos. De vem ter visto o reflexo do sol em nossos distintivos. Se tivéssemos tomado outra direção, certamente não atirariam.

— Bom raciocínio, Daniels. Sairei eu. Voei me cobrirá.

Daniels franziu a testa. Mil vezes teria podido matar George Potters e não o fizera porque a vingança que a este ameaçava era mais cruel e mais impiedosa. Convinha que ele continuasse vivo. Ia permitir que um chumbo proveniente daquelas montanhas a malograsse?

Não respondeu. Mas quando o capitão começava a levantar-se, aplicou-lhe um calço, derrubando-o de bruços. Ao erguer a cabeça, espantado, viu Wess Daniels saltar agilmente de sua posição e correr à disparada.

— Está louco, rapaz? — gritou-lhe.

Nas montanhas, os rifles reencetaram seu canto de morte. Por um segundo, viu seu companheiro correndo em bruscos ziguezagues, enquanto as balas faziam espirrar a terra junto a seus pés.

Dois chumbos que assobiaram a seus ouvidos fizeram Potters compreender que estava cometendo uma insensatez ao descobrir-se sem atirar. Afastou-se para um lado, onde a crista lhe dava melhor proteção, e deixou assomar meia cabeça, o ombro, o rifle. Disparou a toda a velocidade, enviando balas ao lugar de onde brotavam pequenas nuvens

de fumaça. Antes de abaixar-se para recarregar sua arma, viu Wess dar um salto para a frente.

— Daniels!

Mas após rolar duas vezes sobre si mesmo, ó rapaz levantou-se e continuou correndo. Vez por outra disparava o rifle, da cintura, manejando-o com uma só mão.

— Diabo de rapaz!

Freneticamente, Potters recarregou o rifle. Quando tomou a espiar, Daniels já não estava à vista. Mordeu os lábios. Enquanto se ocupava com sua arma, os sitiados.... Sitiados? Quase deu uma gargalhada. Quem eram na realidade os sitiados? Era melhor dizer que os perseguidos, remanescentes do bando de Clyde Donley, não tinham deixado de atirar contra Daniels e, logicamente, acabaram por alvejá-lo.

Súbito, o rapaz reapareceu cinquenta metros mais além, sempre aproximando-se das montanhas. Capengava um pouco.

O capitão tornou a manejar seu rifle, embora espaçando mais os tiros. Se possível, suas doze balas deviam durar o tempo que Daniels tardasse a chegar ao pequeno maciço montanhoso.

Um homem apareceu de repente em cima de uma pedra. À considerável distância de duzentos metros, Potters quis apontar, mas compreendeu que era desnecessário. O homem dobrou-se pelo meio, soltou o rifle e despencou, chocando-se contra os penhascos.

— Bom tiro, Daniels! Mas onde diabo você se meteu?

Surgiu outro homem, ajoelhado, em cima de outra pedra. Parecia a ponto de cair, mas apontava sua arma para baixo.

Potters apontou rapidamente e comprimiu o gatilho. O homem girou sobre si mesmo e desapareceu atrás da pedra.

— Bom tiro, George — felicitou-se o capitão.

Bruscamente, deu-se conta de que já não disparavam para onde ele se encontrava. O inimigo estava agora muito preocupado, pois uma fera acabava de entrar em seu covil.

Levantou-se e correu para as montanhas. De entre duas pedras mandaram-lhe um tiro. Um só, pois imediatamente aquele lugar rebentou em fragmentos de rocha e chumbo. Daniels, aparentemente, cobria agora sua marcha, depois de ter-se instalado em boa posição às barbas do inimigo.

Chegou arquejando fortemente a umas pedras junto ao maciço e deteve-se um memento, para recuperar o fôlego.

Os tiros prosseguiam entre as rochas, a intervalos regulares. Possivelmente, Daniels estava se havendo com três ou quatro inimigos.

— Vamos lá, George — animou-se o capitão de rurais.

Os tiros tornavam-se mais espaçados, enquanto ele subia com relativa facilidade.

Um homem surgiu inesperadamente de uma moita, empunhando um revólver. Por um instante, Potters viu a expressão de raiva em seu rosto barbudo, seus brilhantes olhos escuros.

O tiro daquele homem abrasou-lhe o flanco, empurrou-o, lançando-o de bruços sobre uma pedra chata. Mas o veterano rural não perdeu o controle da situação. Quando o inimigo se dispunha a atirar pela segunda vez, fez fogo por debaixo do estômago, roçando a mão no flanco ferido.

O homem saltou para trás, com um balaço no peito. Bateu com a cabeça numa pedra e ficou imóvel.

Apertando as mandíbulas, devido à dor que lhe causava o ferimento, Potters continuou subindo. Atrás, deixava seu primeiro inimigo, morto por Daniels ao pé da montanha. E o que ele mesmo acabava de matar. Quase tropeçou num terceiro, que tinha dois balaços. Devia ser o que aparecera

de joelhos sobre a pedra, já ferido, e que ele rematara de uma distância de duzentos metros, fazendo-o cair para trás.

Alguns metros mais acima, encontrou outro com um balaço no peito. Tinha os olhos muito abertos, aparentando grande surpresa. Por quê? Que outra coisa podia esperar numa luta de morte?

— Já são quatro. Estamos dois a dois. Bravo, rapaz!

Localizou rapidamente o lugar onde prosseguia o tiroteio, mais espaçado, e continuou â subir. De repente, silêncio. Uma trégua que não duraria muito.

Dois minutos depois avistou um homem colado à rocha, de pé sobre um pequeno ressalto natural. Tinha na mão um revólver que apontava para a frente e um pouco para baixo, no mais completo silêncio.

Não hesitou nem um segundo, fazendo fogo certeiramente. O homem deu um grito e soltou a arma. Por um instante ficou imóvel, olhos muito abertos e cheios de espanto. Depois tombou.

Potters correu para onde tinha visto o homem morto apontar. Era um minúsculo reduto e ali Wess Daniels estava estendido, virado para ele, com o rifle a seu alcance e o revólver na mão. Tinha o rosto crispado.

— Por que diabo tinha que me salvar a vida? — perguntou com cerimônia.

Potters ficou tão perplexo, que sua resposta, demorou:

— Que outra coisa podia fazer?

— Eu não lhe pedi isto!

O capitão continuava assombrado.

— Nem era necessário que me pedisse. Fiz o que achei de meu dever.

— Vá para o inferno!

Esta vez Potters estremeceu levemente. Mas conseguiu permanecer sereno.

— Será melhor que se acalme, Daniels. Quantos terão restado?

O rapaz acalmou-se. E depressa. Ia denunciar-se agora? Muita sorte tivera ao matar um daqueles homens que o reconhecera e gritava seu nome antes de morrer, num momento em que o capitão já devia estar perto.

— Desculpe! — murmurou. — Estou um pouco nervoso. Obrigado.

— Não se preocupe. Esquecerei que, de acordo com o seu desejo, eu devia estar agora com o diabo. Quantos restam?

— Creio que dois.

Ao longe, na outra vertente da montanha, pedras rolaram.

— Parece que tentam escapar — murmurou o capitão.

— Vamos deixar que escapem?

— Não. Escute. Esse homem, o que ia atirar contra você, eu matei-o pelas cestas.

Wess olhou-o vivamente.

— E daí?

— Ê a primeira vez que mato alguém pelas costas. Vou pedir-lhe um favor.

O falso Daniels apertou as pálpebras. A primeira vez que Potters matava um homem pelas costas? Que cínico! Entretanto, um discussão a este respeito não tinha cabimento, por enquanto.

— Por favor?

— Se voltarmos a Garden City não conte que o matei.

— Verão o balaço nas costas.

— Podemos dizer que ignoramos quem o matou, que aconteceu durante a peleja.

— Esse tiro salvou minha vida. Não lhe importa que isto fique ignorado?

— Não sou vaidoso, Daniels. Para mim, salvar sua vida não teve importância. Era o que devia fazer, e fiz. Mas não quero que se diga que matei um homem pelas costas.

Milton Crane refletiu rapidamente. De modo que aquela era a tática do respeitado, admirado e querido capitão dos Rurais do Texas? Todo o seu prestígio baseava-se naquela tática, que lhe assegurava respeito pelo homem que jamais matara pelas costas?

Entretanto, o trato era vantajoso. Ninguém saberia que ele, Milton Crane, ou Wess Daniels, devia a vida ao capitão. Ninguém, exceto ele mesmo.

Mordeu os lábios.

— Como queira, capitão.

— Obrigado, Daniels. E agora vamos atrás dos que, segundo parece, optaram por fugir.

Saíram do pequeno reduto, conseguindo chegar à borda da montanha pelo outro lado.

Certo.

Dois homens estavam terminando de descer até um lugar junto ao qual havia cavalos amarrados nuns arbustos. E a intenção deles era claríssima.

George Potters atirou perto deles, no momento em que chegavam aos cavalos. O tiro inquietou os animais, mas não puderam escapar, atados como estavam.

— Quietos aí! — gritou. — Não tentem nem sequer montar!

Sua voz soou. poderosa, encontrando eco nos contrafortes da montanha.

A resposta dos dois homens foi levar rapidamente os rifles ao ombro. Só um deles conseguiu comprimir o gatilho. A bala passou muito alta por cima dos dois rurais. Mas as que estes dispararam, também com seus rifles, alojaram-se no peito dos foragidos.

— Tudo terminado, Daniels — disse o capitão. — Recolheremos os cadáveres e voltaremos agora mesmo a Garden City. Como já não será preciso buscar pistas, chegaremos antes do anoitecer.

— Muito bem.

Potters hesitou.

— Sabe? Temi que me fosse necessário atirar outra vez contra as costas de um homem. Se tivessem fugido...

Wess não respondeu. Franziu a testa e virou o rosto, para ocultar sua expressão.

A ele George Potters não podia enganar.

* * *

Já era quase noite fechada quando o doutor Webb terminou o curativo.

— Pronto, George. Nada de importância. Amanhã mudaremos a bandagem. Dentro de uma semana poderá montar.

Elizabeth Potters não concordou com a última frase de Webb.

— Não sei por que ele tem que cavalgar! Já o fez demais quando estava em idade para isso. E eis o que conseguiu agora: um ferimento. Podia ter sido grave, não?

Potters levantou-se e passou o braço pelos ombros da esposa.

— Não seja resmungona, Elizabeth. Creio que você está ficando velha.

O doutor Webb deu uma gargalhada.

— Homem! Chamar de velha uma mulher de quarenta anos, loura, bonita e que não parece ter mais de trinta?

Amanda também riu, concordando com o velho esculápio.

— Esta vez não teve sorte, papai. Mamãe parece muito mais jovem que você.

— É verdade — suspirou Potters, com um sorriso. — Aos quarenta e cinco e com estes cabelos grisalhos eu, sim, pareço um velho.

O olhar de Elizabeth enterneceu-se. Passou um braço pela cintura do marido e olhou-o nos olhos.

— Não diga tolices, George — murmurou. — Você é o homem mais atraente de Garden City e...

— ...e seu eterno apaixonado, Liz.

— Ei, ei! — advertiu o doutor. — Há jovens presentes.

Todos riram. Elizabeth havia enrubescido, tinha os olhos brilhantes e, com efeito, estava muito bonita.

— Bem — admitiu por fim —, suponho que, por muito que eu fale, você continuará fazendo as mesmas coisas de sempre.

— Compreenda isto, Liz. Só saio para uma missão quando há um rapaz novo. Gosto de experimentá-los, ver como lutam, como se comportam diante do perigo.

— Pois espero que não incorpore muitos outros.

Webb perguntou:

— A propósito, como se portou esse Daniels?

— Ele é incrível, David. Tem uma coragem extraordinária. Atira magistralmente. Creio que é o melhor homem de que disponho no momento. E tem apenas vinte e seis anos.

— Sendo assim, se Sandor Crane vier a Garden City, encontrará uma boa barreira. Por Deus, foi algo impressionante a volta de vocês dois à cidade, faz uma hora, com sete cavalos e um cadáver em cada um! A rua está cheia de gente excitada, que não para de comentar o fato.

— E que achou do ferimento de Daniels, David? — atalhou o capitão.

— Como? — surpreendeu-se Elizabeth, interpelando o médico. — Você atendeu esse rapaz antes de vir aqui atender George?

— Sim, de acordo com o que seu marido me pediu — justificou-se Webb.

— Ah! Era de esperar! — resignou-se ela.

— Uma bala atravessou-lhe a coxa — explicou por fim o doutor. — Ferimento limpo. Fiz-lhe um curativo e creio que o podemos considerar pronto para outra.

— Poderá dançar?

— Amanda!

— Oh, mamãe, só queria saber. Como esta noite...

David Webb pigarreou.

— Preciso ir. Até amanhã.

— Eu acompanho-o.

Elizabeth acompanhou o médico e amigo da família até a porta. O capitão ficou só com a filha, que o olhava fixamente e parecia ter algo a dizer. Sorrindo, ele dirigiu-se ao armário que havia a um lado da saleta, murmurando:

— Acho que um trago me fará bem.

Abriu o armário, tirou uma garrafa, um copo e serviu-se uma dose de uísque. Com o copo na mão, instalou-se numa poltrona e tomou um gole. Sempre sorrindo, fitou a jovem, que continuava com os olhos fixos nele.

— Sim, eu o convidei para a sua festa, Amanda — disse.

— Oh, papai! Por fim vou conhecê-lo! Estou ansiosa por...

— Amanda! — admoestou uma voz, da porta da saleta.

— Sim, mamãe.

George Potters tomou a sorrir.

# CAPÍTULO QUARTO

*Pode ou não pode ser?*

A casa dos Potters ficava numa das ruas que davam para a principal, perto da entrada norte da cidade. Era uma rua ampla, bonita, flanqueada de muros brancos que protegiam os floridos jardins.

Quatro colunas brancas formavam o pórtico e um amplo terraço corria ao longo da fachada, no pavimento superior. Diante da casa viam-se caleças, tílburis, cavalos encilhados. Até ali chegava alegremente a luz que iluminava o interior, onde estava sendo comemorado o vigésimo aniversário de Amanda.

Na grande sala reinava intensa animação. Ouvia-se música, dançava-se, bebia-se ponche, falava-se sobre a última missão cumprida pelos inigualáveis rurais.

Fez-se silêncio quando Wess Daniels apareceu na porta. Todos os olhares convergiram para ele.

Quando Amanda olhou também naquela direção, Wess estava tirando o cinto para entregá-lo a um ajudante do xerife Borden, que em troca lhe deu um cartãozinho com um número.

— Aí o tem, filha — murmurou George Potters. E esmerou-se em sua apresentação.

A jovem pareceu ter recebido um golpe em pleno peito. Seu interesse por Daniels obedecia a causas circunstanciais,

o desejo de conhecer um homem cujo nome era frequentemente mencionado nos últimos dois dias em toda Garden City.

Mas tais causas se anularam de imediato. Ali estava o herói, em pessoa, metido no melhor traje que pudera adquirir na localidade, graças aos quinhentos dólares que recebera do banqueiro Winkler. Parecia um cavalheiro. E como era atraente!

Quando ele olhou para onde estava a família Potters, suas pupilas cinzentas pousaram um instante nas de Amanda, cujo rosto se coloriu intensamente.

Lábios entreabertos, como se o fôlego lhe faltasse, ela viu-o aproximar-se, enquanto seu pai ia ao encontro dele.

— Seja bem-vindo, Daniels. Que traz aí?

Indicava um embrulho que o rapaz segurava cuidadosamente com a mão esquerda.

— Bem, é... é um pequeno presente para sua filha, se o senhor não se opõe, claro.

— Claro que não! — riu Potters. — Mas espero que não tenha feito grande despesa. Lembre-se que ganha apenas quarenta dólares mensais.

— Não me custou nem um centavo.

Potters olhou o embrulho com certa perplexidade, mas prosseguiu, em tom festivo:

— Imagino que não tenha cometido algum roubo... — Chegaram diante de Elizabeth e Amanda, que continuavam sentadas: — Daniels, apresento-lhe minha mulher e minha filha. Não são encantadoras?

O rapaz engoliu em seco antes de murmurar:

— Eu... Bem, as duas são... Como está, senhora Potters?

Elizabeth sorria. Bom, afinal de contas, o novo rural não era o que ela havia temido: um tipo de cara patibular e o jeitão de um gorila. Suas sobrancelhas no eram hirsutas,

nem se juntavam sobre o nariz; nem seus olhos eram "diabolicamente cruéis"; nem ele era mal-ajambrado; nem parecia insolente; nem...

— Bem, obrigada. Tenho muito prazer em conhecê-lo. Não cumprimenta minha filha?

Tudo pura cortesia. Não obstante, Wess Daniels enrubesceu ao murmurar:

— É... é um prazer, senhorita. Permita-me desejar-lhe um feliz aniversário.

Amanda não soube o que dizer. Receava um desmaio de um momento para outro. Aquele rapaz era o ser mais maravilhoso que já vira em sua vida! Por fim, conseguiu articular:

— Muito obrigada, senhor Daniels.

Wess pigarreou. Os convidados dos Potters não se preocupavam em dissimular seu interesse pelo recém-chegado e os murmúrios eram às vezes claramente audíveis:

— Está ferido na perna, mas nem sequer manca!

— Liquidou quatro dos sete bandidos!

Wess não sabia o que dizer nem para onde olhar. Potters interveio com habilidade, sugerindo aos presentes que se dedicassem a beber e a dançar. O grupo começou a espalhar-se. O rapaz respirou fundo.

— Sente-se acalorado, senhor Daniels?

— Oh, não, senhora! Bom... Um pouco, sim.

— É uma bonita noite de primavera, não acha?

Wess quis passar todo o seu peso para uma perna, mas escolheu justamente a ferida e teve que morder os lábios, em vez de responder.

— Não lhe parece uma bonita noite, senhor Daniels?

— Sim... Sim, senhora, é uma bonita noite. Se dão licença, vou me reunir com os companheiros.

— Espere, homem — reteve-o Potters. — Vejamos. Não disse que trazia um presente para minha filha?

— Sim, senhor. Aqui está.

— Entregue-o, então. Seu aniversário é hoje.

— Oh, eu sei... Claro, por isso estou aqui. Bom...

— Santo Deus! — riu o capitão. — Felizmente, com um revólver você faz muito melhor. Vamos, entregue seu presente a Amanda. Ela não o depreciará. Não é verdade, filha?

A jovem ergueu a cabeça. Ainda estava corada e não sabia que o brilho de seus olhos era extraordinário.

— Ê, papai — estendeu uma das mãos para o rural. — Muito obrigada, senhor Daniel.

— De... de nada... Bom...

Quando Amanda desfez, o embrulho, os homens permaneceram silenciosos, um tanto incrédulos. Mas todas as mulheres presentes se encantaram.

Era um ramalhete de madressilvas.

Amanda pôde apenas balbuciar:

— Oh, senhor Daniels...

Este quis novamente firmar-se na perna ferida e teve que morder outra vez os lábios.

— Espero que lhe agrade... Minha intenção...

— Mas claro que lhe agrada! — exclamou Elizabeth, olhando-o com simpatia. — Senhor Daniels, estas flores não foram conseguidas em Garden City.

— Não. Por isso me atrasei.

— Por isso? — interveio Potters. — Mas, Daniels, essas flores só se encontram agora a umas vinte milhas para o sul!

— Sim. Mais ou menos isso...

— Homem, quer dizer que você cavalgou quarenta milhas só para fazer um presente à minha filha?

Um murmúrio de assombro percorreu o lado masculino, enquanto soavam suspiros românticos no feminino.

— Mas é uma barbaridade! — quase gritou o capitão. — Esta mesma tarde você foi ferido na perna!

— Não me doía.

Uma gargalhada resumiu a opinião da parte masculina. A feminina tinha um brilho de admiração nos olhos.

George Potters mal podia conter um sorriso.

— Muito bem, Daniels. Se você teve disposição de galopar quarenta milhas, depois de haver galopado cinquenta a serviço do destacamento, para colher umas flores, isso quer dizer que também estará pronto amanhã para cumprir a tarefa que eu lhe indique.

— Claro que sim, capitão. Se é necessário caçar mais alguém...

Outra gargalhada dos numerosos convidados. Wess Daniels parecia ser um humorista dos melhores! Falava como se naquele dia nada tivesse feito de importante.

— Ê formidável! — exclamou alguém.

— Ei, Wess! Venha tomar um ponche conosco! — convidou outro.

Muitas vozes apoiaram esta última.

Confuso, Daniels coçou a nuca.

— Que faço, capitão? — perguntou.

— Creio que você deve ir beber com eles. São seus admiradores. — Potters aproximou-se mais e murmurou: — A poncheira do canto contém uísque. Todos sabem disto, mas fingimos ignorar. As senhoras, claro, servem-se das outras.

Daniels pigarreou e inclinou-se para Elizabeth.

— Foi um prazer, senhora Potters. Agora, se me dá licença...

— Como! — exclamou ela. — Vai beber com eles? Sem antes dançar com a minha filha?

— Oh, é que... como estou ferido...

— Mas se o ferimento não lhe impediu de cavalgar quarenta milhas...

— Sim, é verdade..., mas prefiro me entender com um cavalo que com sua filha. Santo Deus! Não quis dizer isso...

A gargalhada foi geral e Wess Daniels enrubesceu tanto quanto a própria Amanda.

— Desculpem. Queria dizer que não sei dançar bem e...

George Potters bateu-lhe amistosamente n: ombro.

— Acho que o melhor que você pode fazer s ir tomar um ponche. Depois poderemos falai com mais tranquilidade. De acordo?

— Sim, senhor!

Os rurais que assistiam à festa, encabeçados pelo sargento Comal, foram os primeiros a cair sobre Daniels, festejando-o alegremente. Um deles colocou um copo de ponche em sua mão. Ergueu-o para beber e seu olhar encontrou o de Amanda. Pela primeira vez na vida, ele sentiu-se maldito entre os homens.

* * *

— Sente-se mal, senhor Daniels?

Virou-se vivamente. Minutos antes conseguira livrar-se do grupo de admiradores e sair para o jardim que havia atrás da casa. Ali estava a salvo de todos os olhares, podia contemplar as estrelas longínquas, gozar a suave brisa noturna.

— Não, senhorita. Sinto-me muito bem.

— Talvez prefira ficar sozinho.

— Não! — exclamou ele. Baixou subitamente a voz. — Por favor, não.

— Quer que eu fique?

— Sim, por favor.

Ela aproximou-se mais e colocou as delicadas mãos sobre a balaustrada da varanda, junto à qual ele estava.

— Está linda a noite, não?

— Acho que sim.

— Acha?

— Bem. Eu estava pensando que deve ser muito agradável viver sempre entre amigos. Uma vida como a do seu pai, a quem todos respeitam e admiram.

— Todos também admiram o rural Wess Daniels — sorriu ela.

— Isso data de há dois dias. Refiro-me ao que uma pessoa deve sentir vivendo assim por muitos anos.

— Está querendo dizer-me alguma coisa? Gostaria de compreender, mas...

— Sei que não pode.

A mão da jovem deslizou pela balaustrada de madeira e pousou sobre a dele, suavemente. Wess experimentou uma sensação deliciosa, ao mesmo tempo cálida e refrescante, nova e milenarmente velha, inexplicável, dispensando qualquer explicação.

— Se me falar com franqueza, talvez eu possa entender — murmurou ela.

Ele teve que fazer um esforço para falar. Ainda assim, sua voz soou algo rouca:

— Prefiro que não me entenda, Amanda.

A outra mão da jovem se uniu à primeira, sobre a dele. Em tom muito suave, perguntou:

— Alguma coisa faz você sofrer, Wess?

— Não! — negou ele. — Por que teria que sofrer? Que tolices está dizendo?

Eia inclinou a cabeça.

— Desculpe.

Ele afligiu-se.

— Desculpe-me você. Eu não quis...

— Wess?

— Diga.

Amanda hesitou um instante.

— Sabe? — disse por fim. — Há algo estranho em seus olhos. Ao vê-los pela primeira vez, tem-se a impressão de que você é um rapaz gentil. Depois...

— Depois?

— Não sei se os outros notaram, Wess, mas há ao fundo de seus olhos uma coisa...

— Má ou boa?

— Não sei exatamente. É algo que inquieta e que, confesso, me causou...

— Sim?

— Medo, Wess.

— Eu lhe causei medo?

— Você, não. Só seus olhos, durante um momento. Estive observando-o, na sala. Seu sorriso é simpático, amável. Sim, amável. Mas em certos momentos...

— Causo medo?

— Sim. Creio que sim. Eu disse antes que você me causou medo. Mas não é isso. O que devia ter dito é que seu olhar poderia causar medo a muitas pessoas.

— A você não?

— Não, Wess. Eu nunca teria medo de você. Não me pergunte o motivo. Mas sei que esse medo, que antes expliquei tão mal, parece-me decorrer de uma inquietação,

uma espécie de angústia. Pensa ficar em Garden City, Wess?

— Não sei. Ainda não pensei nisso.

— Nem há nada agora que lhe faça pensar?

— Que pode haver?

Amanda afastou-se um pouco da balaustrada, colocando-se diante dele, muito perto. Suas mãos, um pouco trêmulas, buscaram-lhes o pescoço, juntando-se na nuca. Ergueu-se nas pontas dos pés e forçou-o suavemente a inclinar a cabeça.

Então, os lábios de ambos se juntaram. Um contato que fez Wess Daniels estremecer fortemente. O beijo foi longo, profundo e, quando Amanda afastou-se, ele continuou imóvel, braços pendentes, rosto impassível.

A voz da jovem foi um sussurro:

— Wess, eu poderia entendê-lo. Sei que há algo em você. Quando soube de sua existência, quando se falou a seu respeito, quis conhecê-lo. Era uma curiosidade quase infantil, um capricho. Nunca cheguei a imaginar isto. Só queria que o homem famoso de Garden City viesse à minha casa, conhecê-lo pessoalmente, olhá-lo à vontade. E quando o vi, Wess... Deus, quando a vi, foi como se o mundo se abrisse diante de mim. Foi uma sensação nova, estranha. Penso que estive a ponto de desfalecer. Agora sei o que é, Wess. E confesso: eu o amo. Nem sequem me pergunto se é absurdo ou não, se pode ou não pode ser, se posso ou não posso amar um homem que vejo pela primeira vez em minha vida, ao completar vinte anos. Não me pergunto nada. Nem quero perguntar a você. Eu o amo... — beijou várias vezes o queixo e os lábios do petrificado Daniels, repetindo: — Eu o amo. Deus, como minha vida mudou em poucos minutos! Wess, por favor, ainda não há nada que o faça ficar aqui em Garden City, comigo?

Ele sentia em seu corpo o contato do da jovem. Ergueu lentamente as mãos, até encontrar as dela. Com firmeza, tirou-as de seu pescoço, obrigando-a a baixá-las.

Olhou-a fixamente. Vinte anos, um maravilhoso corpo transbordante de vida. Uns lábios suaves, róseos, meigos. Cabelos brilhantemente louros, que a brisa noturna agitava de leve. Olhos escuros, grandes, que naquele momento o amor fazia fulgar. Um rosto formoso, puro, de traços delicados, quase infantis.

Teve a sensação de que algo lhe desgarrava o peito.

Sem dizer nada, pousou as mãos nos ombros de Amanda. Ela fechou os olhos e ergueu os lábios, à espera.

Então soltou-a e atravessou a varanda para entrar na casa, deixando-a sozinha, cambaleante, aturdida.

— Wess! — chamou por fim, quase com um soluço.

Precisou fazer um tremendo esforço para aparentar serenidade e alegria quando voltou à sala.

No jardim, escondido atrás do tronco de um álamo, George Potters colocou entre os lábios o cigarro que tinha acabado de enrolar quando sua filha apareceu ali e dirigiu-se a Wess Daniels. Estivera observando o rapaz, depois a ambos, com o cigarro na mão, imóvel como uma pedra, impressionado com aquele amor que tão subitamente incendiara o coração de Amanda.

E quando também ela entrou na casa, colocou o cigarro entre os lábios. Para poder acendê-lo, teve que segurar com a outra mão a que segurava o fósforo, demasiado trêmula.

Poucos minutos mais tarde, chegava junto a sua esposa, completamente calmo, como se nada houvesse, como se nada tivesse acontecido.

— E Amanda? — perguntou.

— Dançando — sorriu Elizabeth, indicando-a. — Para ela esta é uma noite maravilhosa.

Potters localizou a filha com o olhar, A jovem dançava com um rapaz simpático, de sorriso permanente. Ela também sorria.

— Não vejo Daniels — murmurou o capitão. — Saí pra fumar um cigarro e já não o encontro...

— Oh, veio despedir-se. Um rapaz muito tímido, mas atento e agradável. Disse que lhe doía a perna e achava melhor retirar-se. Sabe, George? Ele caiu em cheio nas minhas boas graças. E você, o que diz?

— Hã? Oh, sim, claro. Eu bem lhe disse que Wess Daniels era um rapaz formidável.

# CAPÍTULO QUINTO

*A grande decisão*

Assim que entrou em seu quarto no hotel e fechou a porta, um braço forte rodeou-lhe o pescoço e sentiu o frio do aço na garganta.

— Quieto!

Nem sequer poderia sacar o revólver, pois o outro tirou-o do coldre.

— Está bem, Sutton. Pode soltá-lo.

Foi solto, mas também violentamente empurrado para a porta do terraço, bastante iluminada pelos lampiões da rua principal.

Apesar da perna ferida, Daniels conseguiu não cair. E sentiu-se bem mais tranquilo, já sem o contato da faca na garganta.

— Que significa isto, Terence?

Este riu surdamente, zombeteiro.

— Significa que estamos fartos de você, Milton Crane. Acenda o lampião, Agnes.

— Bem! — exclamou o falso Wess Daniels. — De modo que finalmente vocês descobrem seu jogo?

Aceso o lampião, viu sua cunhada junto à mesa, olhando-o desdenhosamente.

— Você não passa de um covarde, Milton — disse ela.

— Sim? — olhou-a de alto a baixo. — Posso saber por que, querida irmã?

— Deixe de sarcasmos — gritou Terence Nolan. — Parece-me que seu comportamento com a viúva de Bob não é o adequado.

— E o seu, Terence?

Sutton julgou compreender e riu maliciosamente. Wess dirigiu-lhe um olhar sorridente.

— Estimo que esteja de bom humor, Sutton.

— Homem, é que você diz cada coisa...

— Calem-se os dois! — esbravejou Nolan. — Escute bem, Milton: precisamos chegar de uma vez ao fim, compreende? Você está arrastando demais o assunto e isso é muito perigoso. Somos vinte homens naquela maldita caverna. Estamos lá há três dias. Alguém poderá dar-se conta disso.

— Continue, Terence.

— Nossa situação é perigosa! Se nos descobrem antes de entrarmos em Garden City, tudo irá mal para nós. Para todos. E enquanto vinte homens correm perigo, você dança em festas familiares.

— Não dancei — sorriu Wess.

— Tanto faz! Você vai a festas, é muito felicitado, conhece bonitas garotas. Quando se resolve o caso da filha de George Potters?

— Como posso saber?

Nolan passou a língua pelos lábios. Aproximou-se mais de Wess e, com o próprio revólver que lhe tinha arrebatado, aplicou-lhe golpes leves no peito.

— Milton, você gostaria de ver seu pai morto?

O rapaz apertou os olhos e o sorriso desapareceu de seu rosto.

— Explique-se claramente, Terence. É uma ameaça?

— É. Mas não de minha parte. Nós estamos com vocês, com os Crane. Mas há vinte homens naquela caverna. Vinte homens que não estão habituados a viver dia e noite como coelhos, pois estamos tão perto de Garden City, que, se sairmos, facilmente seremos vistos. Esses vinte homens estão acostumados a cavalgar, a passar dias inteiros nas montanhas ou na planície, mas não a ficar sem poder sair, como encurralados! E sua impaciência cresce quando sabem que você, com habilidade, pode fazer as coisas de maneira que eles entrem em Garden City e encham os bolsos de dinheiro. Isto, sobretudo. Perguntam por que têm que esperar tanto.

— Que pretendem? — perguntou friamente Wess. — Que eu rapte à força a filha de Potters? Se tentasse tocar num fio de cabelos dessa jovem, a cidade em peso me lincharia. Os Potters são muito estimados aqui, Terence.

— Pois aí está o mal. Os homens começam a se perguntar se vale a pena perder tempo e oportunidades porque seu pai está empenhado numa vingança. O que lhes interessa é entrar em Garden City, apoderar-se do que for possível e se mandar. A vingança dos Crane contra os Potters não lhes interessa. E, em minha opinião, já esperaram bastante. Estão intranquilos. São muitos milhares de dólares que lhes escapam porque seu pai insiste em esperar você com a filha do capitão, atendendo antes de mais nada à sua vingança. Isso não agrada aos homens, Milton. Para eles, o que importa não é vingar-se, mas saquear, a cidade.

— E daí?

Wess suspirou profundamente.

— E daí? — irritou-se Nolan. — Pois só esperarão mais um dia! Não compreende? Quando eles quiserem vir a Garden City, de qualquer maneira, seu pai se oporá. Os

rapazes gostam dele, eu sei, mas não hesitarão em matá-lo, se tentar impedir que marchem para cá. E, uma vez morto Sander Crane, não sei o que acontecerá com Agnes.

Wess olhou para sua cunhada, que por sua vez o fixava com olhos onde viu medo e súplica.

— Compreendo, Terence. E não pensou no que aconteceria conosco?

— Eles nos matariam, simplesmente. Nada mais poderiam fazer conosco. Mas Agnes é demasiado...

— Bonita?

— Exato. Você e eu vimos como eles costumavam olhá-la. Mas os Crane estavam presentes, os três invencíveis Crane. Agora só resta um para enfrentá-los, justamente o mais velho e fraco, embora se julgue ainda o mais forte.

— Também resto eu.

— Más você não estará lá quando eles tomarem a decisão. Esmagarão seu pai! E certamente a mim. E Agnes...

Wess Daniels deu uns passos pelo quarto. Aproximou-se da porta que dava para o terraço e olhou a rua. Não se via ninguém. Era tarde, continuava a festa em casa do capitão e os saloons deviam estar repletos.

Havia uma decisão a tomar. Duas, mais exatamente. Tinha que escolher entre ambas.

Virou-se para seus visitantes:

— Digam a todos que amanhã ao meio-dia entraremos em Garden City tal como foi planejado, com a cidade já em nosso poder. Diga-o a meu pai, Terence. Esperem-me pela manhã.

— Levará a garota?

— É o que pretendo. De qualquer modo, seremos dois Crane.

Sutton tornou a rir estupidamente.

— De qualquer forma, dois Crane são poucos Crane.

O rapaz olhou-o inexpressivamente.

— Você acha, Sutton?

— Nada de discussões — cortou Terence Nolan. — Tome seu revólver, Milton.

Este pegou o revólver, justamente quando Sutton insistia:

— Dois Crane são poucos Cranes. E quanto à bonita filha de Potters, eu gostaria de...

O falso Wess Daniels virou-se para ele como uma fera, golpeando-o com o cano do revólver no queixo. Sutton girou sobre si mesmo, bateu com a cara na parede e teve novamente que se chocar com ela quando outro golpe do revólver lhe atingiu a testa. O rapaz tirou-lhe rapidamente a faca e encurralou-o, encostando a afiada ponta em sua garganta. Sua voz soou como o silvo de uma serpente:

— Não a mencione sequer, Sutton!

Este engoliu em seco, olhando-o com espanto. Sentia na garganta a frialdade do aço. Uma linha vermelha marcava-lhe o pescoço e algumas gotas de sangue escorriam-lhe para o peito. Fixou seus olhos esbugalhados em Terence Nolan.

— Não espere ajuda de ninguém, Sutton — prosseguiu Wess. — Olhe para mim. Disse que dois Crane são pouca coisa? Pois você só tem um à sua frente — guardou o revólver, acrescentando: — Vamos, seu revólver contra sua própria faca. Saque-o.

— A-a-a... Milton, não...

Subitamente, Wess afastou a faca. Mas Sutton continuou colado à parede, como se nela estivesse embutido. Estava lívido e suava abundantemente.

Terence Nolan grunhiu, áspero:

— Você é um selvagem, Milton. Não sei como pôde se tornar simpático a toda essa gente.

— Larguem-se daqui. E diga a meu pai que amanhã nosso plano se realizará, que tomaremos Garden City com facilidade e que será cumprida a vingança contra os Potters.

— Tal como ele a imaginou?

Wess olhou atento para Agnes e Nolan. Às vezes, as pessoas se enganam, claro. Não estava ele enganando uma cidade inteira? Por que não admitir que se havia enganado.com aqueles dois?

Entretanto, seria capaz de jurar que os vira se beijarem, uma noite. Fora uma visão tão rápida, tão fugaz, que quando tomou a olhar já não o estavam fazendo. Nada lhes dissera e eles continuaram portando-se com a mesma naturalidade de sempre. Isso tinha acontecido doze dias atrás, passados quase um mês sobre a morte de Bob Crane.

Afinal, por que não admitir que Agnes continuava viva, jovem, formosa e que outro homem podia amá-la? E por que não o fiel Terence Nolan?

— Sim, Terence. Tal como meu pai imaginou. Diga a todos que amanhã entraremos numa Garden City dominada.

— De acordo, Milton.

Nolan estendeu a mão. Por um instante, Wess hesitou. Só um instante. Depois apenou-a. E, enquanto a fazia, viu o sorriso de alivio nos lábios de Agnes.

Lábios que se pousaram em seu rosto, ao despedir-se dele.

— Alegra-me que você volte a ser o mesmo, Milton. Não deve haver rancores entre os que se querem bem. E Terence tem demonstrado que está decididamente com os Crane. Quanto a mim, não creio que seja necessário insistir nisso e em minha vingança. Nossa vingança.

Wess Daniels ficou sozinho no quarto. Acendeu um cigarro na chama do lampião e apagou este. Sentou-se numa poltrona, diante da porta do terraço.

Assim o encontraria o amanhecer.

# CAPÍTULO SEXTO

*O plano em execução*

No meio da manhã, Elizabeth Potters, que estava costurando no terraço, sobre o bonito pórtico da casa, ergueu um momento a vista.

— Oh! — exclamou.

Amanda perguntou, do interior:

— Quem é, mamãe?

Esta devia ignorar o ocorrido na noite precedente, pois disse em tom alegre:

— É tão obstinado, rápido e decidido como seu pai.

— Quem, mamãe?

— Wess Daniels, filha. Quem havia de ser? Aí está ele diante da casa, a cavalo. Hum! Talvez não seja tão decidido como seu pai, afinal. Parece hesitante.

Amanda veio ao terraço, caminhando como em sonhos. A manhã era formosa e o jardim resplandecia sob os dourados raios do sol.

Perto do baixo muro branco, sob um dos álamos da rua, Wess Daniels tirou o chapéu, devagar, quando ela apareceu.

Não sorriu, nem sequer fez um aceno. Limitou-se a olhar fixamente para a jovem, muito sério. Melhor dito, seu rosto varonil mostrava-se impassível.

Amanda sentiu em todo o corpo um estranho estremecimento. Durante uns segundos, seus belos olhos

escuros pareceram presos aos do rapaz. Ele voltava. Vinha para ela. Não precisava de nenhum gesto para fazê-la compreender que a estava esperando, que a amava. Amava-a como na noite anterior, quando pusera as mãos em seus ombros, para ir embora um instante depois. Amanda vira o amor, então, nos olhos dele. Tão claramente como o estava vendo agora.

Amor!

Que importava sua inesperada atitude na véspera? Mais ainda: ela havia compreendido. As coisas não se fazem porque sim, sem um motivo. E Wess Daniels podia ter vários motivos para fugir. Fugir! Sim, esta era a palavra. Wess podia ter vários motivos para fugir dela. Podia ter um passado não muito limpo, pois ele mesmo confessara ter tirado a vida de sete homens. Podia pensar, talvez, que ela não era sincera, que queria reter a seu lado, caprichosamente, talvez só por uns dias, o homem mais famoso de Garden City. Podia pensar que, afinal, ele era um simples aventureiro e ela a filha de um capitão de rurais.

Wess Daniels podia ter pensado muitas coisas. Mas, fossem quais fossem, ele voltara. E, em seus olhos, Amanda viu refletido seu coração.

Ele a amava e vinha ao seu encontro. A tristeza que a jovem estivera ocultando da mãe desapareceu, foi dissipada totalmente como uma nuvem sombria ao sopro de um súbito vendaval. Obedecendo a um espontâneo impulso, enviou-lhe um beijo com as pontas dos dedos. Ele nem sequer pestanejou.

— Minha filha!

— Oh, mamãe, eu gosto dele! Eu amo-o!

Elizabeth Potters ficou impressionada, mais que assustada.

— Amanda, você não deve fazer coisas que... Podem ter visto!

— Que me importa? Vou... vou dar um passeio a cavalo, mamãe, se você não...

— Não me oponho. Mesmo porque, não creio que você fizesse caso de minha oposição. Além disso, se o rapaz está aí é porque seu pai deve saber. Leve a sombrinha, pois o sol está forte.

— Sim, mamãe.

* * *

Wess viu Amanda aparecer pela parte traseira da casa, já montada, em traje de amazona. Em vez de sombrinha, trazia um gracioso rebenque de cabo de prata. Quando deteve o cavalo diante dele, murmurou, olhos brilhantes:

— Bom-dia, Wess.

— Bom-dia, Amanda. Eu... ontem à noite...

— Não vamos dar um passeio a cavalo?

Ele mordeu os lábios, antes de balbuciar:

— Sim, sim...

Em sua amazona num tom azul claro, a jovem estava linda. Era uma figura delicada, gentil, que só podia ser contemplada com enlevo. Antes de pôr o cavalo em movimento, ela ergueu o braço com o chicotinho e saudou a mãe. Wess Daniels inclinou a cabeça, tão torpemente como na noite anterior.

Não tardaram a sair de Garden City pela parte norte. Antes que o tivessem feito, os habitantes já sabiam a que se ater com respeito ao novo rural e à filha de George Potters.

* * *

O arroio que mais adiante se juntaria ao North Concho River corria com um rumor alegre. Sua água era cristalina. A relva, muito verde, oferecia-lhes seu macio tapete. Em cima, os álamos que os protegiam do sol moviam-se um pouco sob a leve brisa.

Amanda afastou os lábios dos de Wess. Tinham-se beijado imediatamente depois de desmontar. E agora, ao sentarem-se.

— Wess...

— Diga, Amanda.

— Eu não sinto calor em seus beijos. Acaso você não gosta de mim?

Ele havia inclinado a cabeça e parecia pensativo. Ergueu-a vivamente, cravando os olhos nos dela.

— Gosto de você, Amanda.

Ela beijou-o levemente no queixo.

— Então?

— A verdade é que não a mereço, Amanda.

— Isso não me importa.

— Não lhe importa que eu não a mereça?

Ela sorriu com uma doçura que o fez sentir-se novamente maldito entre os homens.

— Não, Wess. Tampouco me importaria se você fosse um canalha. Se para gostar de mim tivesse que sê-lo.

Ele sentiu um aperto na garganta. Encontrava uma certa dificuldade para respirar.

— Você não me compreendeu bem, Amanda. Sou... sou um maldito...

Ela tomou-lhe uma das mãos e beijou-a. Seus olhos se umedeceram.

— Por Deus, Wess!

— Quero que você entenda bem, Amanda. Sou...

Impediu-o de continuar. Aproximou-se mais e com ambas as mãos lhe pegou o rosto. As lágrimas brotaram por fim.

— Wess, você é minha vida! Não diga mais nada. Não diga nada, nem agora nem nunca. Eu nunca lhe perguntarei. E você nunca me dirá nada.

Ele soltou-a e levantou-se. A jovem fez o mesmo, rapidamente e abraçou-o.

— Não tardará muito, Amanda. Que você mesma me chamará de canalha — disse ele com voz embargada.

— Não! Não, Wess! Nunca, nunca!

Novamente foi ela quem forçou o beijo. Os lábios de Wess permaneceram imóveis. O desejo de corresponder era avassalador, mas ele se negava a isso.

De súbito, na calma da manhã límpida, soou uma risada. Foi como se o ambiente se conspurcasse.

— Bom trabalho, Milton, meu filho! Por fim, temos em nosso poder a garota do maldito Potters!

Amanda afastou-se de Wess, sobressaltada. Tardou uns segundos a compreender as palavras que acabava de ouvir, a dar-se conta de que quatro homens, entre os quais o barbudo e mais idoso que havia falado, estavam perto deles, olhando-a malevolamente.

— Esse é Sandor Crane, Amanda. Meu pai.

— Sandor... Sandor Crane? Não!

— Sim, Amanda. Eles vão levá-la para preparar uma cilada contra seu pai, entre outras coisas. E agora, Amanda?

Ela permaneceu de cabeça baixa por alguns segundos. Depois ergueu-a e encarou-o com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu o amo, Wess.

Este sentiu como uma chicotada, que o fez contrair todos os músculos do corpo. Respirou fundo. Depois, sem

responder, caminhando como um autômato, dirigiu-se ao seu cavalo, amarrado junto ao dela a um dos álamos.

Sandor Crane tomou a rir.

— Firme, rapaz! Agora traga Potters. Ele vai lamentar ter nascido! Vá buscá-lo, filho. A vingança será cumprida.

Wess Daniels olhou os três homens que acompanhavam seu pai. Eles também o olhavam, fixamente. Compreendeu o que devia dizer:

— Sim, pai.

Montou e fez o cavalo voltear sobre as patas traseiras. Enquanto o fazia, seus olhos encontraram os de Amanda.

* * *

Wess fechou atrás dele a porta do escritório e aproximou-se de George Potters, que, muito pálido, olhava-o como se não o visse.

— Alegra-me que você esteja aqui — murmurou, por fim, o capitão de rurais. — Queria falar-lhe, Daniels... ou como se chame.

Wess contraiu as pálpebras.

— Como me chamo? Que quer dizer, capitão?

Potters empurrou para ele o telegrama que estava sobre sua mesa, esclarecendo:

— Ontem à noite eu estava no jardim traseiro da minha casa, Daniels.

— Depois do que vi e ouvi, pareceu-me que devia fazer alguma coisa e, quando todos se retiraram, fui à agência dos telégrafos. Cayuga, povoado onde você disse ter nascido, fica na comarca de Anderson, no extremo noroeste. E na comarca vizinha, a de Freestone, um homem chamado Emmet Briscoe é capitão do destacamente de rurais,

sediado na capital, Fairfield, que fica a menos de trinta milhas de Cayuga.

— E então?

— Ontem telegrafei a Emmett Briscoe. É um velho amigo. Ingressamos juntos nos rurais e juntos estivemos por quase dez anos. Depois, ambos promovidos, nos separamos. Fui mandado a Garden City e Emmet a Fairfield. Oxalá tivesse lhe telegrafado antes de admitir você. Leia.

Wess obedeceu:

*Em Cayuga ninguém sabe nada de Wess Daniels. Inclusive ninguém conheceu jamais nenhum Daniels, em Cayuga. Espero que solucione seu assunto. Respeitos a Liz e um beijo para Amanda. Abraço de Urso.*

*Emmett*

Wess Daniels pousou o telegrama, impassível.

A voz de Potters soou lenta, cansada, abatida:

— Emmett teve que cavalgar quase sessenta milhas, de ida e volta a Cayuga. Telegrafou-me desse povoado, ao compreender alguma coisa. Esta manhã, Daniels, você saiu a passeio com minha filha. Onde está ela?

— Talvez o senhor compreenda tudo facilmente se lhe disser que o meu sobrenome é Crane, capitão.

As mãos deste tremeram um instante sobre a mesa.

— Crane? Sim. Creio que compreendo tudo.

— Nesse caso, será melhor que venha comigo, agora mesmo.

Potters estava mais pálido ainda. Levantou-se. Pegou o telegrama e aplicou-lhe a chama de um fósforo. Segurou-o

até quase queimar os dedos. Então, soltou-o. Quando chegou ao chão, estava totalmente transformado em cinzas.

— Por que fez isso?

— Você vai condenar-se para sempre, Daniels.

— Crane. Milton Crane, capitão.

— Vai condenar-se para sempre, Wess Daniels. Eu lhe concedo uma oportunidade. Vá buscar minha filha, traga-a sã e salva, como se na verdade tivesse ido dar um passeio, e você continuará sendo nesta cidade Wess Daniels, um rural benquisto por todos, amado por minha filha, respeitado por mim. Tem esta oportunidade para deixar de ser um foragido, um assassino...

— Nunca assassinei ninguém! Não há nenhum prêmio oferecido por minha cabeça.

— Logo haverá, se continuar junto com seu pai. Eu queimei o telegrama. Ninguém aqui saberá nada.

— E o telegrafista de Garden City?

— Às vezes eu o substituía. Quando chegou o telegrama de Emmett, dei um jeito para recebê-lo eu mesmo. Ninguém saberá nada. Você continuará sendo o simpático e estimado Daniels, em troca de minha filha. E se ela ainda gosta de você, não me oporei, dou-lhe minha palavra.

Havia um tremor na voz do capitão.

Mas Milton Crane moveu negativamente a cabeça.

— Não. Meu plano é muito melhor que o seu. E agora venha comigo. Conhecerá pessoalmente Sandor Crane, uma das vergonhas do Texas: meu pai.

# CAPÍTULO SÉTIMO

*Um improvisado, tribunal de justiça*

George Potters abraçou a filha com gesto protetor, embora evidentemente pouca proteção lhe pudesse dar. Tinham-no desarmado e uma vintena de homens o olhavam zombeteiramente, com ar de maldade displicente, de indiferença diante da sorte dele e de Amanda. Todos bem armados, barbas de vários dias, sujos, cobertos de poeira e dispostos a tudo. Um bando de lobos de primeiríssima classe.

Sandor Crane, sentado sobre uma pedra no interior da caverna, disse:

— George Potters, este é o tribunal que vai julgá-lo. Não se compõe de doze jurados, mas de vinte. Reconheça a vantagem que isso significa. É mais provável que entre vinte homens encontre um a seu favor, que entre apenas doze. Está disposto a ser julgado, George Potters?

O capitão dos rurais ergueu a cabeça. A cólera avermelhou seu rosto. Parece que ia dizer alguma coisa, mas, surpreendendo um olhar da filha, cuspiu no chão com desprezo.

Essa foi sua resposta.

Sandor Crane sorriu, procurando esconder uma certa admiração.

Fez sinal a Terence Nolan, que mantinha uma atitude solene. De resto, trajava roupas limpas e estava elegante, atraente como sempre.

— O promotor tem a palavra.

Nolan colocou-se no centro do círculo, perto dos Potters. Pigarreou, antes de começar.

— George Potters, este Tribunal de Justiça dos fora-da-lei o acusa do seguinte: em primeiro lugar, é capitão dos Rurais do Texas, fato este que não admite discussão. Em segundo, dedicou sua vida a perseguir os foragidos e o fez com êxito inegável. Em terceiro, sente-se orgulhoso pelas duas acusações anteriores. Alguma dúvida sobre este ponto?

Potters tornou a cuspir.

— Quarto, durante dois dias teve Milton Crane sob suas ordens. Obrigou-o a arriscar a vida contra meia dúzia de homens que, indiscutivelmente, estavam fora da lei e, portanto, mereciam nossas simpatias e as do próprio Milton Crane. Quinto e último, é culpado de, no cumprimento de seu dever, ter dado caça a Robert Crane, filho mais velho do juiz que preside este Tribunal de Justiça. Resumindo, George Potters, não há nada em sua vida que possa ser criticado, não é possível atenuar sua pena pela prática de qualquer ato criminoso durante os seus quarenta e cinco anos de vida. Durante esse tempo, dedicou-se honradamente a servir à Lei e à Ordem, a perseguir, encarcerar ou balear foragidos, a defender aqueles que, homens como nós, queriam prejudicar a propriedade de pessoas honradas, derramando seu sangue pela causa da justiça. George Potters, tem algo a alegar, algum desserviço a essa mesma causa da justiça que lhe possa servir de atenuante, antes que este Tribunal dite sua sentença? Este

tolerante Tribunal lhe concede cinco minutos para que tente defender-se. Que o acusado se levante.

George Potters levantou-se, agora lívido como um morto.

Sandor Crane bateu sobre a sua pedra com a coronha do revólver.

— Contam-se os cinco minutos.

O capitão de rurais resmungou.

— Não os quero. Eu, George Potters, capitão dos Rurais do Texas, comandante do destacamento de Garden City, declaro-me culpado de todas as acusações que me foram feitas. E faço constar meu desprezo e meu asco por este pretenso Tribunal de Justiça.

Houve um breve silêncio, que continha uma reprimida admiração.

Sandor Crane tomou a bater na pedra com o revólver.

— O julgamento prossegue. Qual é o veredicto dos jurados?

— Culpado! — exclamaram em uníssono os vinte homens, alguns não conseguindo conter o riso.

— George Potters, este Tribunal de Justiça dos fora-da-lei o condena ao seguinte: primeiro, assistirá à cavalgada pela rua principal de Garden City de vinte de meus homens, que tomarão a cidade. Segundo lhe será comunicada a morte dos dez rurais que Milton Crane conseguiu reunir dentro do quartel do destacamento sob seu comando. Os ditos rurais, quando ouvirem os tiros, vão querer sair e cairão crivados de balas. Terceiro, terá o desgosto de verificar que todo o dinheiro de Garden City passará às nossas mãos. Quarto, quando todos já estivermos longe da cidade, sofrerá o desgosto e a humilhação de ver-me entregar sua filha aos meus homens. Quinto e último, dois dias depois de ver sua filha desonrada, será pendurado pelo

pescoço até que lhe sobrevenha a morte — nova coronhada na pedra. — Este Tribunal ditou a sentença! Está encerrada a sessão.

Houve risos e chacotas. Os vinte homens puseram-se a rodear os Potters e alguns deles começaram a apalpar dissimuladamente Amanda.

Milton Crane, rosto inescrutável, aproximou-se do pai quando este lhe fez um sinal. Terence Nolan já estava sentado a seu lado, assim como Agnes, a formosa viúva.

— Pronto para entrar em ação, Milton?

— Sim, pai.

— Muito bem. Volte a Garden City e dê um jeito para reunir os dez rurais que restam dentro do recinto do quartel. Depois faça a bandeira subir e baixar três vezes. E fique junto deles, retendo-os de qualquer maneira, até que alguns dos nossos rapazes ocupem as saídas que você lhes indicar.

— De acordo.

— Conseguiu a carroça?

— Consegui. Obriguei Potters a pedi-la emprestada ao dono do armazém, antes de virmos para cá.

— Suponho que tenha um bom toldo, completamente fechado. Lembre-se que os Potters e Agnes terão que vir conosco dentro dela. O capitão contemplará nosso triunfo de dentro da carroça, bem amarrado.

— A que deixei perto da cidade servirá bem para isso, pai.

— Bem. Compreendo que seria melhor deixar os Potters aqui, mas, se as coisas não saírem bem, será conveniente tê-los à mão e usar contra nossos inimigos a ameaça de cortar o pescoço de ambos, se não nos deixarem partir tranquilamente. É preciso prever tudo.

— Acho que tem razão, pai.

— Vá, meu filho. Lembre-se que quando virmos a bandeira subir e baixar três vezes, saberemos que os dez rurais que ficaram no quartel estarão imobilizados o tempo suficiente para que nossos rapazes se coloquem diante das saídas. Se tentarem sair, morrerão. E se não tentarem, melhor. Dominaremos os habitantes de Garden City com uma dúzia de tiros. Depois será muito simples recolher o dinheiro!

— E em seguida a fuga, pai. Como sempre.

— Como sempre? Nada disso, filho! Esta vez os rurais não se atreverão a nos atacar, pois, se o fizerem, cumprirei a ameaça de atirar à cabeça de seu capitão no caminho. Ou à da garota. Ninguém nos perseguirá esta vez, Milton. Teremos tempo de sobra para poder escapar com comodidade. Quando alguém, em Garden City, resolver-se a tomar alguma iniciativa, nós já estaremos longe. E então justiçaremos os Potters. Agora vá, Milton. E não esqueça o aviso com a bandeira. Quando pensa que o poderá dar?

— Isso depende do tempo que levar para reunir meus companheiros dentro do quartel.

— Seus "companheiros"?

— Os rurais, pai. Ainda... — tocou a estrela que tinha presa ao peito. — Sim, ainda sou um rural.

— Deixe de tolices. Tire isso...

— Como vou tirar, se tenho que ir agora mesmo ao quartel? Dê-me pelo menos uma hora e meia, ou melhor, duas. A partir de então, podem aproximar-se da cidade.

Sandor Crane bateu carinhosamente nas costas do filho.

— Estou orgulhoso de você, Milton. É audaz, corajoso como eu, quando tinha sua idade. Ainda faremos grandes coisas juntos.

— Claro, pai. Adeus. Adeus, Terence, Agnes...

— Adeus, Milton. E boa sorte.

— Todos precisamos dela. Até logo.

Sem olhar para os Potters, que suportavam as variadas impertinências dos foragidos, o falso Wess Daniels abandonou a caravana para uma vez mais representar o papel de novo rural, admirado e querido por toda Garden City.

# CAPÍTULO OITAVO

*A vingança absurda*

Upton, que se havia adiantado mais para a entrada da cidade, agitou o chapéu no ar.

Sandor Crane sorriu alegremente.

— Feito! — exclamou.

Estava sentado na boléia da carroça. Tinha Agnes a seu lado. No interior, Amanda e George Potters, fortemente amarrados.

— Sim, feito — sorriu Terence Nolan. — Portanto, velho estúpido, já não precisamos mais de você.

Sandor Crane pestanejou, atônito, olhando para o seu lugar-tenente, seu homem de confiança que, a cavalo junto à carroça, apontava um revólver para seu peito.

— Ficou louco, Terence? Que significa isto?

— Significa muito simplesmente que o bando passa a obedecer a minhas ordens, a partir de agora.

— Isso não é tão fácil assim, maldito. Ainda sei sacar um revólver.

— Mas não com tanta rapidez como pensa, Crane. Minha mão é muito mais rápida que a sua. Antes de morrer, quero que saiba uma coisa: todos os homens estão do meu lado. Ninguém vai ajudá-lo.

— Meu filho...

— Seu filho também cairá crivado de balas quando aparecer diante de mim ou de qualquer dos rapazes, querido Sandor. Afinal de contas, já terá feito sua parte. Uma importante parte, devo admitir. Aproveitando sua vingança, vou saquear Garden City. Isso será estupendo, Sandor. E todos lhe agradecemos sinceramente. Não é assim, rapazes?

Ouviram-se alguns risos.

Sandor Crane, com a parte visível de seu rosto lívida, olhos quase arregalados, não de medo, mas de incredulidade, foi encarando seus homens. Alguns estavam com ele fazia muito tempo, tinham roubado e matado juntos, anos seguidos.

— Gaines... Witt... Brooks... Que dizem vocês a isto?

Os três interpelados desviaram o olhar e Terence Nolan soltou uma gargalhada.

— Não se humilhe, Sandor. Não vai conseguir nada. Os rapazes estão fartos de você. Você está acabado. Nos faz enfrentar riscos desnecessários, nos utiliza para seus planos pessoais, sabendo os perigos que corremos estes últimos dias.

— Vou lhes proporcionar um saque como nunca sonharam, Terence.

— Não diga tolices! Seu filho é muito mais esperto que você velho imbecil. Ele se deu conta de que o plano de misturar sua vingança com o assalto a Garden City era obra minha, que fui lentamente lhe insinuando a idéia, até você convencer-se de que todo o projeto era seu. A única coisa com que eu não contava foi a longa espera que você nos impôs. Podíamos ter raptado a filha de Potters e depois chamá-lo.

— Era mais arriscado. A gente de Garden City ficaria de sobreaviso, inquieta. Da maneira como Milton fez...

— Basta! de qualquer forme, tudo saiu bem. Mas nós estamos fartos de você!

— Okay, Terence. Espero que, pelo menos, respeitará a vida de Agnes.

— Mas como é possível que você seja tão cego, Sandor! Não se deu conta de que Agnes e eu nos gostamos? Como não haveria de respeitar sua vida?

Sandor Crane desviou o olhar para a viúva de seu filho mais velho, sentada com ele na boléia.

— Não posso crer que você tenha esquecido Bob tão depressa.

— Esquecer? — riu Terence. — Ela já gostava de mim quando seu filho ainda vivia; e por isso o matei!

As pupilas de Sandor pareceram congelar-se.

— Você matou Bob? Você?

— Claro.

— Mas então...

— Então, naturalmente, George Potters não o matou. Limitou-se a localizar Red, Tulson, Slim, Bob e eu, um mês atrás, quando nos dispersamos após aquele assalto em Bams e tomamos a reunir-nos nas Glass Mountains. Deu-nos voz de alto e, quando quisemos reagir, ele e o rural que o acompanhava levaram a melhor. Seu filho Bob e eu conseguimos fugir e, num momento em que ele me deu as costas, matei-o. Depois, quando o capitão e seus homens encontraram o cadáver, claro, colocaram-no junto com os de Slim, Red e Tulson. Por isso você e Milton pensaram que foi Potters quem matou Bob e ficaram muito indignados ao saber que ele fora baleado pelas costas. Pena não saberem que o assassino estava tão perto, tão ao alcance da vingança de vocês, hem?

— Covarde! Traidor covarde!

— Bah! Um bando como o nosso, Sandor, requer mão dura, coração de ferro. Os rapazes sabem que ninguém os dirigirá melhor que eu para realizar proezas que os tomarão famosos em todo o Texas. E vamos começar por Garden City. Em pouco tempo, todos nós poderemos aposentar, ricos, recheados de dinheiro. Não nos acontecerá como ficando com você. Muitas vezes tivemos dificuldade para conseguir alimento, perseguidos e encurralados como feras nas montanhas.

— Mate-o! — quase gritou Agnes, afastando-se de Sandor.

Este levou rapidamente a mão direita ao revólver.

— Cadela indecente!

Terence Nolan teve apenas que premir o gatilho. A bala cravou-se no coração do velho, que deixou cair o revólver, oscilou e depois tombou da boléia ao solo, em meio a um silêncio opressivo.

Nolan soprou o cano do Colt, substituiu a cápsula deflagrada e ordenou:

— Tragam os paus.

Dois foragidos aproximaram-se trazendo paus grossos, fortes, de aproximadamente um metro e vinte de comprimento. Outros dois ergueram o cadáver de Sandor até a boléia, enquanto os que tinham os paus atavam estes verticalmente, por meio de cordas que rodeavam a base. Por fim, o morto ficou sentado diante dos paus, apoiando as costas contra eles, pois estavam separados por uns trinta centímetros apenas.

Foi posto o chapéu em Sandor Crane. Terence viva instalada na boléia, embora com a cabeça pendendo para o peito.

— Ponha-lhe o chapéu — disse Nolan. — Não nos interessa que Milton descubra a verdade antes que tudo esteja resolvido.

Foi posto o chapéu em Sandor Crane. Terence Nolan saltou à boléia e, colocou um cobertor no ombro esquerdo do cadáver, ao estilo mexicano, para ocultar o sangue que brotava de seu coração. Por fim, instruiu seus homens:

— Entrem na cidade quando virem que já estamos perto do centro da rua.

Passou as rédeas por baixo de um braço de Sandor e meteu-se com elas no interior da carroça. Agnes ia sentada ao lado do morto, que cava a impressão de estar cochilando sob o forte sol, enquanto conduzia os dois animais. Escondido dentro da carroça, já manejando as rédeas, Nolan virou-se sorridente para os Potters:

— Que acharam de minha jogada?

Georges Potters, rosto muito pálido, limitou-se a olhar para outro lado. Amanda, olhos úmidos, estava pensando que acabavam de assassinar o pai do homem que amava. Apesar daquela vingança terrível e absurda.

# CAPÍTULO NONO

*Perdão e vingança*

Dos vinte homens que entraram na cidade, três dirigiram-se diretamente para o quartel do destacamento de rurais e, sem o menor gesto que os pudesse delatar, postaram-se diante das outras tantas saídas que Wess Daniels lhes foi indicando.

Depois Daniels afastou-se, tendo no rosto um duro sorriso.

Dentro da carroça, Terence Nolan olhava através de orifícios abertos na lona à ponta de faca o que ocorria na rua principal.

Outros três de seus homens tinham entrado no banco e ele teve a primeira impressão de que algo não ia bem ao ouvir os tiros no interior do estabelecimento. Então, de súbito, lembrou-se de que, quando os vinte foragidos tinham aparecido a todo o galope na extremidade da rua, a gente de Garden City não pareceu assustar-se, nem sentir curiosidade. Sem exceção, a gente desapareceu e a rua ficou deserta.

Os tiros no interior do banco podiam significar que, como já lhes acontecera antes, um dos empregados tinha nervos suficientes para se opor ao assalto.

— Não, não creio que seja o caso.

Quando tal ocorria, dois chumbos acalmavam o "valente". E tudo continuava em silêncio. Mas esta vez não tinham soado apenas dois tiros. Continuavam soando!

E, de repente, através dos orifícios da lona, Nolan viu seus homens saírem a toda a pressa, atirando para trás. Mas só dois deles. E dos dois que saíam, um pareceu tropeçar em alguma coisa enquanto atravessava a calçada. Viu-o cair desta para a rua e rolar pela poeira.

O outro corria para seu cavalo. Quando já estava montado, um dos vidros da janela do banco pareceu explodir e o homem saltou para o outro lado do animal, já morto, ficando exposto ao sol com os olhos arregalados.

De acordo com suas ordens, os membros do bando tinham-se distribuído pelo banco, estação da "Texas Overland Line", agência dos correios, hotel, saloons. Todos os lugares em que parecia lógico que houvesse dinheiro.

E em todos tinham encontrado chumbo em lugar de ouro. Em cada um dos lugares em que entraram, os homens de Nolan foram rechaçados a balaços, até o momento em que, assombrados, desorientados, os doze que ainda continuavam vivos se encontraram no meio da rua de uma cidade que parecia deserta, disparando amalucadamente, em vão.

Terence Nolan compreendeu finalmente tudo.

— Maldito Milton! Ele nos traiu! Vou lhe...

Pelo extremo sul da rua, na direção do quartel dos rurais, apareceram dez cavaleiros. Em todos os peitos, o ofuscante sol da tarde fazia brilhar as estrelas prateadas.

— Os rurais!

Nolan lançou-lhe um último olhar de perplexidade, depois olhou seus homens, que já estavam atirando contra os recém-aparecidos, cuja réplica foi muito mais certeira e ordenada.

Não esperou para ver cair ensanguentados mais que dois dos doze foragidos que lhes restavam.

Saltou à boléia da carroça, afastando Agnes.

— Vá para dentro, querida! Temos que escapar daqui a toda pressa!

Agitou rudemente as rédeas e os cavalos relincharam, iniciando um giro veloz devido à pressão dos bocais. Quando ficaram orientados para a saída norte da cidade, ele açoitou-os sem piedade, obrigando-os a um galope furioso.

Atrás, o grupo de foragidos já sofrera mais algumas baixas. Os que continuavam vivos tinham conseguido proteger-se em diversos lugares para responder ao fogo dos rurais.

Mas nada disso importava a Terence Nolan. Naquele momento seu único empenho era fugir. Fugir o mais rápido que pudesse e a qualquer custo.

A seu lado, o cadáver de Sandor Crane sacudia-se freneticamente ao trepidar da carroça.

Nolan deixou escapar um grito de raiva quando, já se considerando a salvo do tiroteio da rua, bem perto da saída da cidade, um cavaleiro apareceu diante dele.

— Milton!

Milton Crane, com efeito. E a seu lado trazia outro cavalo, encilhado, mas sem cavaleiro.

Nolan sacou o revólver e quis apontar para o interior da carroça. Aquilo só tinha uma explicação: Milton amava realmente a filha de George Potters. Tinha aniquilado todos os planos do bando e pretendia continuar fazendo-o.

— Milton! — gritou Nolan. — Afaste-se de meu caminho, senão matarei os Pot...

A resposta do falso Wess Daniels foi um tiro certeiro, que o alcançou num ombro, arrancando-o da boléia. O

bandido saltou para a esquerda, rolando para a calçada de tábuas.

Agnes apareceu na boléia, pálida.

— Terence! Terence!

A carroça, sem o firme controle das rédeas, bamboleava espetacularmente no momento em que a bonita viúva tentava apoderar-se das rédeas para dominá-los, o veículo deu uma forte guinada e ela caiu no centro da rua.

Não lhe dando atenção, Milton lançou-se atrás da carroça, gritando:

— Pai, salte para o cavalo! Vamos escapar daqui os dois!

Mas quando chegou à altura da boléia, viu as pontas daqueles paus que apareciam acima das costas de seu pai, viu a palidez cadavérica do rosto do velho, a grande mancha de sangue em seu peito, a descoberto pelo deslocamento do cobertor, viu as cordas...

— Pai!

Saltou agilmente do cavalo para a boléia, tomou as rédeas e freou a carroça em poucos segundos, conseguindo deter os cavalos disparados.

Virou-se para Sandor Crane, mas, pensando melhor, meteu-se no interior da carroça.

— Daniels! — exclamou Potters. — Que aconteceu?

Amanda olhava-o em silêncio, habituada já à penumbra reinante sob o toldo.

Sem dizer nada a nenhum dos dois, Milton Crane cortou as cordas que os imobilizavam, estirados no piso do veículo.

— Saiam daqui — murmurou ao terminar. — É melhor que se ponham em segurança.

George Potters olhou para a filha, que não desviava seus olhos do rapaz. Passou a língua pelos lábios.

— Não tenciona cumprir sua vingança, Daniels? — perguntou.

— Não.

— Já não deseja vingar seu irmão?

— Não! Deixe-me em paz! Pensa que fiz tudo isto para que algo aconteça a Amanda no fim?

— Daniels, devo entender que me perdoa ter liquidado seu irmão... pelas costas?

— Entenda o que quiser, mas leve Amanda daqui agora mesmo!

Potters pousou a mão em seu ombro.

— Daniels, devo entender que me perdoa ter você. Não é fácil encontrar um homem que saiba perdoar.

— Só o perdoo por ela.

— Tanto faz. Perdoa por amor. É um bonito perdão. A fera dorme e o homem aproveita para perdoar. Mas às vezes um homem pode perdoar e vingar-se ao mesmo tempo.

— Não compreendo. Deixe-me em paz capitão, e retire-se. Espere: que aconteceu com meu pai? Não sabe?

— Esse homem chamado Terence Nolan matou-o para ficar com a chefia do bando. Puseram-no aí, assim, para que você não percebesse, pois precisavam de sua colaboração. Mas há algo mais, Daniel. Foi esse mesmo Nolan quem assassinou seu irmão Bob.

— Que... que está dizendo?

Amanda murmurou:

— Papai, não seria melhor que Wess partisse? Podem atirar contra ele e...

Milton Crane moveu negativamente a cabeça.

— Ninguém atirará contra esta carroça. Foi uma das condições.

— De que condições está falando?

— Capitão Potters, que dizia sobre Terence e meu irmão Bob?

Rapidamente, Potters explicou o que tinha ouvido um pouco antes do próprio Terence Nolan. À medida que falava, Milton Crane ia-se tornando pálido.

Depois, sem dizer palavra, dispôs-se a sair da carroça, mas Amanda abraçou-se a ele.

— Não, Wess! Não fique mais tempo em Garden City! Fuja, por Deus!

Milton sorriu levemente e, pela primeira vez, acariciou-lhe o rosto.

— Você também sabe perdoar, Amanda?

— Eu o amo, Wess. Eis tudo. Fuja!

— Não pensava fugir. Só queria dar fuga a meu pai, por isso vim com dois cavalos. Essa foi a principal condição que impus ao sargento Comal e ao xerife Borden: Sandor Crane tinha que escapar.

— E você?

— Eu já perdoei. Agora cumpre-me vingar. Perdão e vingança, duas palavras irreconciliáveis, mas que esta vez vão se unir.

Passou à boléia e pôs a mão no ombro do cadáver de Sandor.

— Não o devia ter deixado com essas víboras, pai. Mas ainda posso fazer algo por você e por Bob.

Saltou do veículo. A luta, mais para o centro da cidade, havia terminado a favor dos rurais. O xerife Borden, que corria para a carroça, deteve-se diante dele.

— Rapaz, tudo...

Mas Milton continuou para onde um rural ajudava Agnes a caminhar. A mulher tinha o rosto ensanguentado, as roupas rasgadas e claudicava fortemente.

— Deixe-a comigo, Waller. Eu me encarrego dela.

— Está bem, Daniels.

Agnes olhou-o, espantada.

— Que... que vai fazer, Milton?

— Não vejo Terence, Agnes. Sabe onde se escondeu?

Instintivamente, ela dirigiu um olhar ao armazém de cereais, na extremidade da rua, ao mesmo tempo que mentia:

— Não sei.

Milton sorriu friamente.

— Nós o procuraremos juntos. Vamos àquele armazém.

Ela relutou e foi praticamente arrastada por um braço, debatendo-se.

De pé, na boléia da carroça, o xerife ajudava o capitão a desatar o cadáver de Sandor.

— Que fazemos, George? — perguntou. — Não podemos permitir...

— Deixe o rapaz tranquilo — atalhou Potters. — Tem o direito de fazer isso. E mais ainda. Conte-me exatamente o que se passou.

— Wess Daniels apresentou-se em meu escritório acompanhado pelo sargento Comal. Explicou-me o que ia acontecer, estabelecendo três condições: que lhe déssemos outro cavalo, que sob nenhum pretexto atirássemos contra esta carroça e permitíssemos que ele e o pai escapassem. Claro que concordei. Seus rapazes saíram do quartel e esconderam-se para a peleja final. Nos lugares que segundo ele seriam atacados pelo bando, postamos os cidadãos mais aguerridos, bem armados, para repelir os assaltantes. E tudo aconteceu assim. Perguntou-me o que teria sido de Garden City sem a ação inteligente e decidida de Wess Daniels. Melhor dito Milton Crane, pois confessou seu verdadeiro nome.

— Bem. Teremos que cumprir o que lhe foi prometido.

— A que se refere?

— A deixá-lo escapar, não?

— Mas se ele não quer! Disse que ajudaria o pai a fugir, que o convenceria a desaparecer do Texas e nunca mais desafiar a lei. Depois ele, Milton, voltaria a Garden City para ser julgado.

— Não! — exclamou Amanda. — Oh, meu Deus! Não!

George Potters olhou a filha, mordendo os lábios. Amanda não tivera muita sorte.

Borden advertiu:

— Algo vai acontecer diante do armazém de Corby!

* * *

Terence Nolan deixou de tamponar o ferimento que tinha no ombro quando ouviu a voz de Milton Crane:

— Terence, saia daí!

O foragido arrastou-se por cima dos sacos de cereais, mais para o interior do armazém, abandonando o lugar iluminado pelo sol que penetrava por uma das janelas.

Sabia que estava encurralado. Não tinha cavalo, recebera um balaço no ombro esquerdo, a cidade estava cheia de rurais e homens armados. Tinha visto cair os últimos do seu bando.

— Vai lhes custar tirarem-me daqui! Venha você buscar-me, Milton Crane!

— Terence, Agnes está comigo. Se não sair dentro de meio minuto, ela morrerá. Eu a matarei pelas costas, como você matou Bob!

— Não! — murmurou Nolan. — Ela não! Tudo o que fiz foi por ela.

Nem por um instante pensou que Milton deixasse de cumprir a ameaça. Trêmulo de raiva, tomou a arrastar-se

por cima dos sacos e dirigiu-se à porta. Entreabriu-a. Ali, a menos de quinze metros, estava seu inimigo. E não podia atirar porque o corpo da mulher que amava o protegia.

Abriu a porta de um puxão.

— Aqui estou, Milton! Deixe Agnes!

Guardou o revólver no coldre e Milton compreendeu. A última jogada de Terence Nolan.

— Afaste-se, Agnes.

Ela obedeceu, mancando visivelmente. Os habitantes de Garden City, algo distanciados, formavam um semicírculo para assistir à última cena.

— Vamos, Terence! Saque!

O foragido baixou a mão, direita. Quando a estava levantando, dedo crispado no gatilho, Milton disparou da altura do quadril, após um saque fulminante, que a todos pareceu maravilhoso.

O chumbo atingiu Nolan no peito, empurrando-o para trás, contra a parede do armazém, antes de cair.

— Terence! — gritou Agnes.

Correu ao seu encontro, justamente no momento em que ele, virando-se no chão, atirava contra Milton.

Deteve-se em seco, levando ambas as mãos ao seio esquerdo, ao mesmo tempo que Nolan gritava, desesperado:

A mulher caiu de bruços. Rastejando como um animal, Nolan conseguiu chegar até ela. Com um supremo esforço, virou-a. Já estava morta.

— Agnes! Agnes, eu matei você! — gritou.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos e por quase um minuto permaneceu assim, olhando-a, em meio a um profundo silêncio. Depois, devagar, virou-se para Milton Crane, que estava imóvel, ainda com o revólver na mão pendente. E, súbito, abateu-se sobre o cadáver de Agnes.

Milton guardou o revólver. Em seguida, desafivelou o cinto, caminhando para onde estava parada a carroça.

Ouvia-se apenas, levemente, o tinir de suas esporas. Era como se ninguém respirasse.

Garden City em peso viu-o entregar o cinto ao xerife Borden.

# EPÍLOGO

Os olhos do juiz Karnes, brilhantes de astúcia, viraram-se para o júri formado, oito dias depois, por honrados cidadãos de Garden City.

— Ouviram tudo o que foi dito pelo promotor e o advogado de defesa sobre as culpas e méritos do acusado. Lembrem-se que a lei não o reclamava, que desde muito jovem teve que seguir seu pai e seu irmão mais velho, praticando as façanhas que ele mesmo confessou e entre as quais não figura nenhum assassinato. Lembrem-se também do que ele fez por esta cidade há uma semana. Por último, considerem que se entregou voluntariamente e admitiu todas as suas culpas.

Podem retirar-se para deliberar.

O porta-voz do júri levantou-se.

— Não é necessário, senhor juiz.

— Não? Já têm o veredicto?

— Já. E por unanimidade.

O juiz olhou para Milton Crane.

— Que o acusado se levante e ouça o veredicto.

— Inocente! — disse o porta-voz do jurado.

Um vozerio alegre encheu a pequena sala do tribunal, onde só de raro em raro a palavra “inocente” tinha sido pronunciada.

O juiz sorriu, batendo sobre a mesa com seu martelo de madeira.

— Milton Crane, este tribunal o absolve, mas lembre-se que na próxima vez será menos compassivo.

— Não haverá próxima vez, senhor juiz — afirmou Milton.

— Muito bem! — nova batida na mesa. — O julgamento está encerrado.

Houve quase um tumulto, pois todos os presentes se precipitaram para felicitar Milton Crane e aplicar-lhe amistosas palmadas nas costas.

George Potters conseguiu, por fim, agarrando-o por um braço, arrastá-lo para a rua, fechando a porta às suas costas para que ninguém o seguisse.

O falso Wess Daniels pestanejou, ofuscado pelo sol e pela presença de...

— Bom-dia, Milton!

Ele engoliu em seco.

— Bom-dia, Amanda!

— Vamos dar um passeio?

Milton Crane caminhou para a borda da calçada, onde Amanda Potters o esperava, instalada na boléia de uma pequena caleça.

— Estava esperando por mim, Amanda?

— Estava, Milton.

— E se... E se eu não tivesse saído?

Ela sorriu, os escuros olhos cheios de luz, de felicidade, olhando-o docemente.

— Eu teria continuado esperando, Milton. Mas tinha certeza de que você seria absolvido. Não podia ser de outra forma!

— Não? E por quê?

— Porque eu o estava esperando!

***FIM***

A seguir: MÃOS AO ALTO
Não perca!

## REEMBOLSO POSTAL
### Pedidos de livros

**Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.**

**Nome:** . . . . . ..

**Endereço:** . . . . . .

**Cidade:** . . . . . **Estado:** . . . . . .

**Código de Endereçamento Postal:** . . . . . .

## ATENÇÃO

**Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio.**

## MENSALISTA

**Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:**

**EDITORA MONTERREY LTDA.**
**Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09**
**Tijuca — Rio de Janeiro**

## IMPORTANTE:

**Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª-feira, no horário de 8:00 às 13 e das 14 às 17:30 horas.**

# CARO LEITOR

**Se este bolsilivro apresentar alguma falha gráfica, pode devolvê-lo ao Editor que remeterá a V. S. exemplar idêntico sem o referido erro, inteiramente grátis.**

---

# REEMBOLSO POSTAL

**Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de seis (6) livros pelo Reembolso Postal.**

**Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de seis (6) livros por mês.**

**Eis as publicações da Editora Monterrey:**

| **Coleção** | **Tema** |
|---|---|
| H. H. ..... | Guerra |
| F. B. I. ..... | Policial |
| Z. Z. 7. ..... | Espionagem |
| Z. Z. 7. Série AZUL ..... | Espionagem |
| CHUMBO GROSSO ..... | Bangue-bangue |
| CHUMBO MORTAL ..... | Bangue-bangue |
| CHUMBO QUENTE ..... | Bangue-bangue |
| OESTE BARRA PESADA ..... | Bangue-bangue |
| OESTE BEIJO E BALA ..... | Bangue-bangue |
| OESTE BRUTAL ..... | Bangue-bangue |
| OESTE CARGA DUPLA ..... | Bangue-bangue |
| OESTE PERIGOSO ..... | Bangue-bangue |
| OESTE PRA VALER ..... | Bangue-bangue |
| OESTE PROIBIDO ..... | Bangue-bangue |
| OESTE VERMELHO ..... | Bangue-bangue |
| OESTE VIOLENTO ..... | Bangue-bangue |
| TIROTEIO ..... | Bangue-bangue |

# AVISO

leia

## FERAS DO OESTE

★★★★★★★★★★★★★★★★★

HISTÓRIAS ELETRIZANTES E VIOLENTAS, BEM AO GOSTO DO LEITOR DO GÊNERO

nas bancas

**Editora Monterrey Ltda.**

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 400,00

BOA VISTA, JI-PARANÁ, MACAPÁ, MANAUS, PORTO VELHO, RIO BRANCO E SANTARÉM (VIA AÉREA) MAIS 30% DO PREÇO DE CAPA.